

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

ADRIANA WEEGE

**VIAGEM AO CENTRO DA ROMARIA:
O CORPO COMO ESPAÇO TEOLÓGICO NA ROMARIA
DE NOSSA SENHORA DE SALETTE DE MARCELINO
RAMOS**

São Leopoldo

2008

ADRIANA WEEGE

**VIAGEM AO CENTRO DA ROMARIA:
O CORPO COMO ESPAÇO TEOLÓGICO NA ROMARIA
DE NOSSA SENHORA DE SALETTE DE MARCELINO
RAMOS**

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Teologia Prática

Orientadora: Adriane Luísa Rodolpho

São Leopoldo

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W394v Weege, Adriana

Viagem ao centro da romaria : o corpo como espaço teológico na Romaria de Nossa Senhora de Salette de Marcelino Ramos / Adriana Weege ; orientadora Adriane Luisa Rodolpho. – São Leopoldo : EST/PPG, 2008.
124 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2008.

1. Maria, Virgem, Santa – Aparições e milagres.
2. Marcelino Ramos (RS) – Usos e costumes religiosos.
3. Vida religiosa. 4. Religiosidade. 5. Corpo humano – Aspectos religiosos. I. Rodolpho, Adriane Luisa. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RESUMO

Através desta dissertação reflito possíveis compreensões de fé manifestas nos corpos dos devotos de Maria de Salette e em que medida esses corpos tornam-se espaço teológico. A pesquisa apresentada tem como um dos objetivos, estudar aspectos concernentes a corporalidade presente na Romaria de Nossa Senhora de Salette, realizada anualmente em um pequeno município, do Rio Grande do Sul, Marcelino Ramos. A aparição de Maria em La Salette na França ocorreu em 1846 tendo sido testemunhada por duas crianças trabalhadoras agropastoris. Em meu relato etnográfico trago algumas percepções, entre elas a relação entre corpos dos devotos com a imagem de Maria em que se configuram num mesmo espaço sagrado, o Fac-Símile da aparição, um espaço ritualmente constituído onde o sagrado “se manifesta”. Aí ocorre a identificação sensorial, com a imagem sacra, o que parece ser mais um rito dentro da romaria. Essa identificação sensorial-corporal do devoto com a imagem de Maria se dá através do beijo, no abraçar, tocar as imagens, também nas imagens das testemunhas da aparição. A sacralidade não está centrada no objeto, mas na relação estabelecida. Na união com o sagrado, é através dos sentidos que se dá a identificação, a abertura e as possibilidades de aproximação e vivência de experiências místicas. O corpo é foco fundamental em qualquer relação, também na relação com o sagrado através das percepções sensoriais. Nesse sentido, lembro de Roberto da Matta, quando este diz que, procurando ver o corpo, vemos a alma e procurando ver a alma encontramos o corpo.

Palavras-chave: romaria, Maria de Salette, corpo, teológico, Marcelino Ramos.

ABSTRACT

Through this dissertation I reflect on the possible understandings of faith manifested in the bodies of the devout followers of Maria de Salette and to what measure these bodies become a theological space. The research presented has as one of its goals, to study the aspects related to the corporality present in the Nossa Senhora de Salette Pilgrimage, which takes place annually in a small municipality of Rio Grande do Sul, Marcelino Ramos. The apparition of Maria in La Salette in France happened in 1846 and was witnessed by two shepherd children workers. In my ethnographic report I present some perceptions, among which is the relation between the bodies of the devoted with the image of Maria, which is configured within the same sacred space together with the Fac-Simile of the apparition, a ritually constituted space where the sacred "is manifest". There occurs a sensorial identification with the sacred image, which seems to be another ritual within the pilgrimage. This sensorial-bodily identification of the devoted with the image of Maria takes place through a kiss, or hug, or touching the images, including the images of the witnesses of the apparition. The sacredness is not centered in the object but in the relation established. In the union with the sacred, it is through the senses that the identification, the openness and the possibilities of approximation and living out mystical experiences occur. The body is the fundamental focus in any relationship and in the relation with the sacred as well, through the sensory perceptions. In this sense, we are reminded of Roberto da Matta, when he says that in seeking to see the body we see the soul and in seeking to see the soul we find the body.

Key words: pilgrimage, Maria de Salette, body, theological, Marcelino Ramos.

Agradecimentos

Agradecimentos tenho muitos a fazer, mas não quero ser injusta, por isso, não citarei nomes. Sou grata a Deus por me colocar nos lugares certos, mesmo alheios à minha compreensão.

Muitos e muitas foram os/as amigos/as (minha orientadora está nesse hall de amizades) que me auxiliaram em momentos de dúvida, tristeza e na minha falta de inspiração, através de indicações de literaturas, formatando o texto, copiando fotos, ou ainda, através de palavras incentivadoras e “puxões de orelha”. Alguns nem sabem que me ajudaram, mas como ajudaram! À todas amigas e todos amigos, de muito e de pouco tempo, muito obrigada. Vocês habitam em meu coração e mente, são parte de mim e, lembrem-se, que “Aquilo que o coração ama não é jamais esquecido”¹.

¹ ALVES, Rubem. **Mansamente pastam as ovelhas**. São Paulo: Campinas, 2002. p. 35.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - TRAÇANDO MAPAS: TOPOGRAFIA, GEOLOGIA E AFINS	13
1.1 MARCELINO RAMOS - Conhecendo o relevo: um olhar sobre o terreno	14
1.2 FRANÇA: Entre a supressão e dilatação de fronteiras	17
1.2.1 MARIA: Uma rocha no relevo.....	20
1.2.2 Maria em Salette: Uma voz ditando os limites	21
1.2.3 O discurso de Maria em Salette: As coordenadas	22
1.2.4 Simbologia: Placas indicadoras	24
1.2.5 Os videntes: Agentes comunicadores	27
1.3 EXPANDINDO AS DIREÇÕES: Rumo ao sul, de La Salette para Marcelino Ramos	29
1.3.1 A ROMARIA PENITENCIAL.....	30
1.3.2 UMA FOTO: O <i>Fac-Símile</i>	31
CAPÍTULO II - CONTEMPLAÇÃO DA PAISAGEM	34
2.1 TURISMO: Ultrapassando as fronteiras.....	34
2.2 TURISMO E RELIGIOSIDADE: Cruzamento de latitude e longitude.....	40
CAPÍTULO III - FOCALIZANDO O AGENTE: O CORPO	43
3.1 DA UNIDADE DO CORPO-AGENTE	44
3.1.2 A gênese do agente viajante: O corpo	45
3.2 A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO CORPO	48
CAPÍTULO IV - RITUAIS DE CULTO E FESTA: Registros de uma viagem	52
4.1 REGISTROS DE UM AGRIMENSOR: Diários e fotos	53
4.2 OS CINCO SENTIDOS: Os viajantes e os rituais	57
4.2.1 O primeiro dom do Corpo: A Visão.....	57
4.2.2 O segundo dom do corpo: O Tato	61
4.2.3 O terceiro dom do Corpo: a Audição	64
4.2.4 O quarto dom do Corpo: O Olfato	66
4.2.5 O quinto dom do Corpo: O Paladar	67
CAPÍTULO V - ROMARIA: VELHAS COORDENADAS PARA NOVAS VIAGENS	71
5.1 ROMARIA: Peregrinação no mundo	72
5.2 A ROMARIA DE NOSSA SENHORA DE SALETTE E AS OUTRAS ROMARIAS.....	73

5.2.1 A romaria-viagem saletina e as demais romarias-viagem: Os caminhos dessas viagens	74
5.3 TOMANDO FÔLEGO PARA CONTINUAR A VIAGEM	78
5.4 AS MUDANÇAS DO CORPO - VIAJANTE	80
5.4.1 O lugar de Maria: A rocha do relevo, na teologia	80
5.4.2 Discernindo os caminhos da romaria-viagem saletina: Teologia oficial	83
5.4.3 Maria mediadora	84
5.4.4 Hierofania.....	86
5.4.5 Maria como delineadora.....	87
5.5 CAMINHOS E ATALHOS: Teologias do povo	88
5.5.1 Tempo de relação com o sagrado.....	88
5.5.2 Corpo - viajante, uma testemunha fé: Encontro entre corpos sagrados....	90
5.5.3 Corpos-viajantes: Atos que unem	92
5.5.4 Corpo meio de devoção: O encontro entre os corpos.....	93
5.5.5 Corpo espaço abençoado	97
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXO I.....	110
DISCURSO COMPLETO DE MARIA DE LA SALETTE	111
ANEXO II.....	114
PERCURSO DA PROCISSÃO DA ROMARIA DE SALETTE.....	115
ANEXO III.....	116
SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE SALETTE.....	117
ANEXO IV	118
LOJA DE LEMBRANÇAS DO SANTUÁRIO	119
ANEXO V	120
DEVOTOS AJOELHADOS REZANDO NO FAC-SÍMILE	121
ANEXO VI	122
MISSA CAMPAL.....	123

INTRODUÇÃO

Desde tempos imemoráveis as pessoas têm peregrinado, têm se deslocado de um lugar para outro por motivos diversos: comércio, estudo, trabalho e por motivos religiosos. Desse último temos como exemplo as peregrinações à Jerusalém, feita tanto por cristãos como por muçulmanos, ou ao caminho de Santiago de Compostela, ou, ainda, à Meca. Ainda hoje, existem muitas peregrinações e romarias brasileiras (Romaria da terra, Romaria de Bom Jesus da Lapa, Romaria de Juazeiro do Norte, etc)². Nesta pesquisa trataremos mais especificamente da Romaria Penitencial de Nossa Senhora de Salette, em Marcelino Ramos.

Marcelino Ramos, pequeno município localizado ao norte do Rio Grande do Sul, com pouco mais de seis mil habitantes, de acordo com o senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2000³, a cada ano, no mês de setembro, por vezes chega a receber cinquenta mil pessoas na Romaria de Nossa Senhora de Salette⁴. Este fato chama a atenção.

Outrossim, temos que a presença cristã em Marcelino Ramos é diversa, pois além da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), estão presentes as Igrejas de

² Conforme estudos: STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das Romarias**. Vozes: Petrópolis, 1996.

³ ISOTON, Lourdes Zago; ISOTON, Irineu José (Org.). **Marcelino Ramos: História e turismo**. São Cristóvão: Erechim. p. 22.

⁴ Conforme conversa informal com Pe. Virgílio Dall'agnol ocorrida em setembro de 2006. Conforme também ISOTON; ISOTON, 2005, p. 84.

herança luterana, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)⁵ e Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB)⁶, ambas desde 1914, e a Igreja Assembléia de Deus. Além destas, durante um bom tempo, estiveram presentes outras expressões religiosas na cidade, como o Espiritismo Kardecista e a Igreja do Evangelho Quadrangular, contudo, estas, foram embora com os habitantes que migraram para outras regiões do Estado⁷.

Por que uma teóloga de confissão luterana teria interesse em aprofundar-se em um tema eminentemente católico? Meu objetivo com a escolha desse tema reside em observar gestos e performances corporais e sociais que ocorrem em Marcelino Ramos durante o mês de setembro, em especial no último final de semana, durante a Romaria Penitencial de Nossa Senhora de Salette. Tive contato com a referida romaria quando morei por um determinado tempo em Marcelino Ramos. Chamou-me muito a atenção à dinâmica que envolve a cidade nos dias da romaria: as transformações da paisagem através de instalação de cartazes em toda a cidade, os alto-falantes para a transmissão de rezas em determinados horários do dia; as festas; o movimento do comércio; as excursões de vários lugares do Brasil, especialmente da região sul; os ritos e as vivências de fé dos/as devotos/as.

A relevância do presente estudo, por sua vez, reside no número crescente de estudos que enfocam o turismo religioso, contudo, apesar do vigor de tal área de

⁵ A IECLB como tal não existia em 1914, ela estava representada pelo Sínodo Riograndense. A IECLB como igreja totalmente unida deu-se somente nos anos 60 do século XX. Sínodo significa “caminhar junto” e essa palavra foi usada como denominação à união de diversas congregações evangélico-luteranas fundadas pelos imigrantes europeus, especialmente alemães no Brasil. A formação da IECLB se deu a partir de quatro sínodos. O Sínodo Riograndense foi fundado em primeira tentativa, que se mostrou logo frustrada em 1868, e em segunda tentativa, a partir de esforços do Pastor Wilhelm Rotermund em 1886. A respeito da história do sínodo e origem da IECLB, conferir: DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984. Hoje a IECLB é formada por dezoito sínodos, espaços territoriais para fins de melhor desenvolver seus trabalhos. Essa estrutura de sínodos pode ser entendida analogicamente com as dioceses da ICAR.

⁶ O Sínodo de Missouri era um sínodo luterano com sede no estado norte-americano, homônimo, que deu origem à sua missão luterana no sul do Brasil e que resultou em 1904 na fundação da IELB. Conforme referência: ISOTON; ISOTON, 2005, p. 66.

⁷ Maiores informações, vide ISOTON; ISOTON, 2005.

estudo, ainda é escassa a bibliografia a respeito das relações corporais que os fiéis estabelecem com os locais e eventos considerados sagrados. Neste sentido, a presente pesquisa procurou centrar a análise da Romaria de Sallette, sobretudo, naqueles aspectos que dizem respeito à produção de uma corporalidade particular⁸.

Desta maneira, fundamentamos tal proposição de análise da Romaria de Sallette nos referenciais oferecidos pela teologia prática, que conjugada com as ciências sociais em geral e antropologia em particular, nos oferece uma boa base teórica que permite-nos realizar uma reflexão muito bem situada sobre a Romaria e a forma como fiéis produzem e lidam com sua corporalidade. Ainda nesta direção, no que tange a forma de coleta de dados e o método de pesquisa utilizado destaco que me utilizei, sobretudo, da observação participante realizada junto às duas romarias, uma no ano de 2006 e outra na edição de 2007. Além disso, participei de eventos religiosos, andei pela cidade, conversei com pessoas, ouvi as conversas paralelas e, de forma muito especial, observei os acontecimentos, registrando minhas impressões num diário de campo.

A pergunta que nos norteará nesta pesquisa será: Como se dá o uso do corpo e de seus sentidos na relação com o sagrado, isto é, como acontecem as performances específicas dos corpos, enquanto espaço teológico, das pessoas participantes da Romaria Penitencial de Nossa Senhora de Salette?

O primeiro capítulo, na tentativa de responder a esse questionamento, será predominantemente histórico, por considerar ser de suma importância este aspecto, a fim de contextualizar os fatos apresentados no restante da presente pesquisa. De

⁸ CorpOralidade aqui é entendido como uma técnica de observação, que tem como objeto de estudo as histórias de vida, performances, fatos registrados, contados pelos corpos, pelos seus gestos, respiração, cheiros, toques. Vide GIERUS, Renate. Corporalidade: história oral e corpo. In: STRÖEHER, Marga J. (Org.). **À flor da pele**. Sinodal: São Leopoldo, 2004.

forma resumida serão apresentados fatos que possam ter influenciado direta ou indiretamente no surgimento de Marcelino Ramos.

Num segundo momento do mesmo capítulo tratarei do surgimento da piedade saletina a partir da aparição de Maria em *La Salette*, na França, traçando alguns marcos da história francesa, apenas na intenção de demonstrar possíveis fatos que possam ter contribuído na formação do contexto da aparição, bem como algumas compreensões a respeito da pessoa de Maria, as conseqüências dessas e a vinda dessa piedade para o solo gaúcho.

No segundo capítulo, a perspectiva vai ao encontro das compreensões de turismo, turismo religioso e romaria a partir do âmbito secular e das propostas da ICAR, de turismo como tempo espaço de atuação cristã no mundo. O assunto vem ao encontro do estudo uma vez que turismo tem como uma das prerrogativas a viagem, sendo que a partir dessa perspectiva tem encontrado espaço dentro das romarias e peregrinações.

Após grave crise com o desativamento da ferrovia, Marcelino Ramos encontra no turismo de eventos e turismo ligado à religiosidade uma possível solução para as dificuldades sócio-econômicas. O surgimento desse e sua ligação com a piedade saletina serão analisados dentro desse capítulo.

Dentro do terceiro capítulo pretendo tratar da formação do corpo, isto é, das dicotomias do corpo, promovendo uma aproximação de diferentes idéias promovidas a partir de compreensões da filosofia e antropologia.

Tendo, então, como base esses conceitos filosóficos e antropológicos, farei uma breve aproximação dos possíveis meios de formação teológica através dos corpos, em seus estímulos sensoriais, desdobrando eventuais formas de identificação dos corpos romeiros com o espaço sagrado.

A observação participante supra citada será exposta no quarto capítulo através das anotações feitas em um diário de campo e as observações referem-se a duas edições da Romaria de Salette. Nesse diário de campo me utilizo da escrita etnográfica para produção do texto do referido capítulo.

Desenvolvo neste quarto capítulo as percepções e vivências de fé a fim de compreender as formas de religiosidade que são descritas pela observação participante, explicitando como se dá a relação corporal dos/as romeiros/as com os “espaços sagrados”, a partir das faculdades de percepção humanas, os sentidos. Procurando as características próprias da Romaria Penitencial de Nossa Senhora de Salette apresento os fatos e performances observados, a saber, os rituais de culto par a par aos rituais de festa, na intenção de entender as relações de fé, as formas de perceber a beleza, os ritos, os movimentos, a musicalidade, a gastronomia e os demais atos dessa fé.

E, por fim, no quinto e último capítulo procuro verificar a trajetória histórico-teológica da Romaria de Salette, seu estabelecimento em Marcelino Ramos, a fim de compreender a teologia existente na Romaria Penitencial de Nossa Senhora de Salette em contraste com outras romarias brasileiras.

Partindo do estudo em torno da fundação da missão saletina em Marcelino Ramos e dos contrastes com outras piedades que resultaram em romarias, analisarei o discurso teológico no qual a romaria se embasa. Dentro desse panorama, analiso as teologias oficial e popular concernente ao catolicismo, surgidas ou sustentadas pela romaria saletina. Em outras palavras, nesse capítulo final, a pesquisa focará o processo pelo qual o corpo torna-se espaço teológico, ou seja, o corpo como um espaço de devoção e de testemunho de fé.

Proponho o estudo da romaria, em Marcelino Ramos, a partir de uma analogia: a viagem. Romaria é uma viagem no mundo, é geográfica, mas também é viagem introspectiva. Uma viagem é composta de meios de locomoção, os caminhos a escolher, um ponto de partida, registros de viagem, indicações pra alcançar o destino, e, claro, os/as viajantes. Durante uma viagem ocorrem relações interpessoais e mudanças de conceitos. Pretendemos fazer um exercício de um “agrimensor viajante”. Alguém que na perspectiva de possibilitar viagens parte para a viagem. Esse exercício será de conhecer as medidas que traz o relevo, o tipo de terreno, as construções, os acidentes e os registros visuais, e de montagem de um mapa, na medida em que são descobertos os elementos da viagem. Essa viagem de cartografia pretende também traçar um possível perfil de quem viaja e como este viaja. Nesse traçado vamos conhecendo os viajantes, os caminhos e os destinos. O caminho se faz é no caminhar...

CAPÍTULO I - TRAÇANDO MAPAS: TOPOGRAFIA, GEOLOGIA E AFINS

*O real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia...*⁹

Nossa viagem inicia-se, no presente capítulo, retrazando o histórico da Romaria Penitencial de Nossa Senhora de Salette enfocando, sobretudo, os elementos constituintes da referida romaria, a saber, os fatos, o local e as personagens. Essa viagem inicia-se com um olhar sobre o terreno da Romaria: Marcelino Ramos.

Marcelino Ramos teve um período áureo de desenvolvimento através da ferrovia, no período entre 1914 e 1970, uma vez que nessa época era posto de abastecimento do norte do estado gaúcho e centro-oeste catarinense, pois era a primeira estação para quem vinha do sudeste do Brasil, era caminho de ligação de Rio Grande a São Paulo. Nesse período, desenvolveram-se na região indústrias, um comércio vigoroso e até uma rede de escolas particulares, sendo que, esta última, contou com o Colégio Sinodal Júlio de Castilhos, o Colégio Cristo Rei, um internato feminino, e o Seminário da Salette em sua composição. O primeiro olhar pousará

⁹ ROSA. João Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 36ª ed., 1986, p. 52.

num período anterior a estes fatos, a saber, nos fatos pertinentes na formação da cidade.

1.1 MARCELINO RAMOS - Conhecendo o relevo: um olhar sobre o terreno

A região norte do Rio Grande do Sul foi a última área a ser colonizada, e, possivelmente a razão para isto fossem as densas matas de pinheiros e a falta de rios navegáveis¹⁰. O único núcleo urbano existente na região norte era Passo Fundo, tornado município em 1857 e os trilhos da ferrovia Rio Grande - São Paulo que somente chegaram em 1898 até este município¹¹. É com a ferrovia que começa a chegada de contingentes de pessoas migrantes ao local onde hoje é Marcelino Ramos. O início da colonização do território, possivelmente, possa ser localizado ao final da guerra civil que assolou o Estado em 1893, ocasião em que algumas famílias procuraram refúgio nas cercanias do Vale do Uruguai, em território pertencente, na época, ao 3º Distrito de Passo Fundo¹².

O povoamento da sede de Marcelino Ramos inicia-se com a chegada do italiano João Antônio Speranza. O povoado tem sua primeira nomenclatura “Barra”, remetendo ao fato de ser aí a foz do rio do Peixe¹³. O município passa a denominar-se Marcelino Ramos em homenagem ao engenheiro carioca, responsável pelo traçado da ferrovia, Marcelino Ramos da Silva, após o seu falecimento em 1910¹⁴.

¹⁰ O distrito estava sob a dominação de Alto Uruguai, com sede no povoado de Coxilha, criado em agosto de 1857, pela Ata nº2 do Conselho Municipal desse município. Vide RÜBENICH, Wilmar Wilfrid. **Marcelino Ramos: A guerra e o pós-guerra do Contestado**. 1.ed. Erechim: São Cristóvão, 2002. p. 30.

¹¹ RÜBENICH, 2002, p. 46.

¹² THOMÉ, Lauro Nelson. **Marcelino Ramos: Histórico**. Erechim: Livraria e Tipografia Modelo, 1962. p. 24.

¹³ THOMÉ, 1962, p. 25.

¹⁴ RÜBENICH, 2002, p. 51.

A ferrovia foi possivelmente um importante fator de desenvolvimento da região. As empresas construtoras eram diferentes: O trecho que vinha do norte era de responsabilidade da *Brazil Railway Co*, pertencente ao norte americano Percival Farquhar, e a empresa que trazia a construção a partir do sul era a belga *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil*, e os trechos deviam encontrar-se em Marcelino Ramos.

O local de travessia da ferrovia sobre o Rio Uruguai, portanto onde hoje localiza-se Marcelino Ramos, foi decidido somente em 1908. Existiam duas possibilidades: O local onde hoje é a BR 153 e então cruzaria sobre o Estreito Augusto César, um estreitamento do Rio Uruguai com formações rochosas que permitiam a travessia a pé em tempos de estiagem, ou o local na foz do Rio do Peixe, a decisão final¹⁵. Possivelmente, uma das razões que fizeram a equipe técnica abandonar a primeira opção seja a disputa territorial entre Santa Catarina e Paraná, a Questão do Contestado¹⁶.

É importante frisar a diferença entre a Questão do Contestado, disputa entre os estados de Santa Catarina e Paraná, e Guerra do Contestado, luta entre exército brasileiro e sertanejos, moradores da região. Na Guerra do Contestado existiu também o fator religioso messiânico, expresso na imagem dos monges. Os monges eram figuras carismáticas que andavam errantes, curando, fazendo sermões, realizando ofícios religiosos, sem ser na realidade pertencente a alguma ordem religiosa.

Especificamente no que tange a questão religiosa que envolve o período de formação do município temos que, no período pré-guerra surge o primeiro monge, o italiano João Maria de Agostini, seu ministério baseava-se na pregação e curas.

¹⁵ RÜBENICH, 2002, p. 47.

¹⁶ RÜBENICH, 2002, p. 47.

Este, por sua vez, some de cena por volta de 1900. O segundo monge surge em 1902, seu nome popular é João Maria de Jesus, contudo seu verdadeiro nome seria Anatás Marcaf, de provável origem síria. Rezava, realizava ofícios e a população acreditava ser ele João Maria. Era monarquista e dizia que a República era ordem do demônio. Desapareceu da região em 1908. O terceiro monge participou e foi morto na guerra. Dizia chamar-se José Maria de Santo Agostinho, mas seu nome verdadeiro era Miguel Lucena de Boaventura. Surgiu na região por volta de 1912, e a população acreditava ser ele o monge anterior. A convicção é que o monge João Maria voltaria com um mundo de esperanças, justiça e paz¹⁷.

Neste sentido, como mostram os relatos históricos e as histórias que envolvem a fundação da cidade temos que a ferrovia trouxe grandes contingentes humanos de outros estados para a sua construção e que a empresa norte-americana supracitada demonstrou descaso em reconduzir esses grupos aos seus locais de origem de modo que, estes, ocuparam os locais ao longo da ferrovia.

A situação desses contingentes humanos era bastante conturbada na medida em que, estes moradores posseiros que residiam no entorno da ferrovia, eram expulsos pelo corpo de “segurança” (que contava com cerca de 200 homens armados) da empresa de Farquhar. O norte-americano, havia recebido do governo federal, “15 quilômetros de terras, de cada lado da ferrovia”¹⁸ que a referida empresa utilizava para exploração da madeira, a qual, era remetida aos Estados Unidos por Paranaguá, e também, as terras, através da colonização e do estabelecimento de entrepostos comerciais. Possivelmente esse contingente de pessoas marginais à sociedade e deixadas na obscuridade, desempregadas e expulsas das margens da ferrovia, tenham encontrado apoio nos monges.

¹⁷ RÜBENICH, 2002, p. 70.

¹⁸ RÜBENICH, 2002, p. 82.

A partir disso, em muito a ferrovia pode ter contribuído para a eclosão da Guerra do Contestado, de forma direta e indireta, pois levou muitas pessoas à periferia social, e até mesmo miséria e esteve a serviço da movimentação e deslocamento dos envolvidos com o litígio¹⁹. O papel do município de Marcelino Ramos esteve relegado somente a ser entreposto de abastecimento e transporte, pois apesar da proximidade do território conturbado, não foi palco de nenhum embate.

Após o fim do Contestado veio a “limpeza”, expressa pela expulsão dos caboclos, e, chegada dos imigrantes e migrantes que vêm ocupar as terras, antes ocupadas pelos caboclos, do oeste catarinense e norte gaúcho. No norte gaúcho, várias empresas colonizadoras particulares exercem atividade, como a Luce-Rosa e a Mosele, Eberle, Ahrons Cia, esta com escritório em Marcelino Ramos.

Nosso primeiro olhar esteve voltado ao terreno da romaria saletina. No próximo ponto iremos refletir os fatos que originaram a romaria e de sua migração até o terreno. Após conhecermos o terreno em que se encontra o destino, vamos conhecer alguns elementos constituintes do terreno que vieram por implante.

1.2 FRANÇA: entre a supressão e dilatação de fronteiras

Da França, Marcelino Ramos herdou parte de sua religiosidade, mais especificamente dos acontecimentos de 1846. Muitos acontecimentos haviam marcado a França nos sessenta anos anteriores, como, o fim do sistema absolutista de governo e a ascensão dos revolucionários ao poder. Diante disso, temos que ao

¹⁹ RÜBENICH, 2002, p. 129.

mesmo tempo em que o ideário francês traz o princípio da igualdade entre os homens (não exatamente para os seres humanos, já que mulheres não tinham direito a voto, por exemplo), junto mostra a ambigüidade da Revolução ao promover assassinio e perseguição dos inimigos da mesma.

Durante esse período da história francesa, a historiografia nos mostra que houve um processo de “descristianização” do território francês, com mudanças de calendário, nomes dos meses, da estrutura da semana, não tendo mais o domingo (Dia do Senhor). Numa nova “Noite de São Bartolomeu” (remetendo ao assassinio dos protestantes, os *hugenotes*) entre os dias 02 e 05 de setembro de 1792 os padres “refratários”, ou seja, os padres que não “juraram” a Constituição Civil do Clero foram eliminados ou exilados, algo em torno dos 40 mil padres²⁰, acusados de traidores da Revolução. Muitos prédios sacros foram postos à venda ou demolidos, incluindo igrejas e mosteiros²¹.

Neste sentido, observa-se que o trabalho de descristianização foi tão intenso em algumas regiões da França que, não só gerou indiferença, como ojeriza ao cristianismo. Em margem oposta, a partir desse processo desencadeado pela Revolução, surgem graves chagas no “corpo” da Igreja, como a divisão entre Igreja “Constitucional” e a Igreja “Refratária”. Esta última desenvolveu tendências de extrema direita, os quais eram conservadores, integristas, e acentuavam a clericalização²².

Nos anos que seguiram emerge a filosofia de Auguste Comte, o Positivismo. Comte considera o pensamento Positivo como a última fase do entendimento humano, onde, “tudo é relativo e esse é o único princípio absoluto”²³, porque tudo depende do conhecimento do mundo e do ser humano. Neste sentido, destacamos

²⁰ EDITORIAL de “La Civiltá Católica”. Cristianismo e Revolução. **Cultura e Fé**, Porto Alegre: Instituto de desenvolvimento cultural, ano 12, n. 48/49, jan./jun. 1990. p. 86.

²¹ EDITORIAL, 1990, p. 89.

²² EDITORIAL, 1990, p. 89.

²³ LOPES, Rodolfo Paula. **Dicionário de Ciências Sociais**. Instituto de Documentação. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p. 938.

que algumas correntes do Positivismo trazem a compreensão de serem os donos absolutos da verdade, traçando limites à própria pesquisa científica e ao conhecimento humano. Outrossim, é pautada nessa compreensão filosófica que Comte desenvolve a “Religião da Humanidade” que tem o “amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim”.

Por outro lado, as ciências têm uma reviravolta durante o século XIX ao emergir a **Teoria da Seleção Natural**, desenvolvida por Charles Darwin (1809-1882) e fundamentada em seu livro **Origem das Espécies**. Esta teoria foi aceita e amplamente divulgada sendo, ainda, em tempos hodiernos a explicação da evolução dos seres vivos e, que, confronta teorias criacionistas.

Portanto, conforme exposto acima, a Europa passava por um processo de industrialização, de laicização, com severa separação entre a Igreja e o Estado, e ascensão de correntes científicas e filosóficas, representadas em Comte e Darwin. Consoante a esses fatos, no espírito da época, surge um novo movimento, o Espiritismo preconizado pelo pedagogo francês Hippolyte-Léon Denizard Rivail ou Allan Kardec. Kardec é considerado o codificador da doutrina espírita, que enfatiza a reencarnação de espíritos e prega também a possível comunicação entre pessoas vivas e pessoas mortas. Em seu trabalho de codificação esforçou-se por dar um caráter científico ao Espiritismo²⁴. Por conseguinte, em uma mesma época, a França estava partilhada entre ateus e católicos e, agora, espíritas.

Contudo, a Revolução Francesa e o Positivismo não promoveram o solo fértil somente para o surgimento do Espiritismo. Nesse contexto de secularização, com avanço das ciências e de revolução industrial a França foi palco de várias

²⁴ HAMA, Lia. O embaixador dos espíritos. **Revista das Religiões**, São Paulo: Abril, n.15, nov. 2004. p. 19.

“aparições” de Maria, a mãe de Jesus. Destas aparições, foram aceitas pela ICAR: *Rue de Bac* (Paris, 1830), *Salette* (1846), *Lourdes* (1858) e *Pont main* (1870).

1.2.1 MARIA: uma rocha no relevo

Maria, Miriam ou Mariam, são variações de um mesmo nome, de origem hebraica, que também trazem as seguintes variações de significado: “obstinação”, “rebeldia”, “a persistente”, “a teimosa” ou, ainda, “a amada de Javé”. A mãe de Jesus de Nazaré tem como mês de celebração o mês de maio desde 1965, quando o Papa Paulo VI através da Encíclica *Mense Maio* oficializou o mês, remetendo à aparição de Maria em 13 de maio de 1917 em Fátima.

Dependendo da “função” atribuída pelos/as fiéis à Maria, o que está intimamente ligado aos dogmas marianos da “Imaculada Conceição” (Concílio de Basiléia em 1431), “Virgindade Perpétua” e “Assunção” (1950, pelo Papa Pio XII)²⁵, a nomenclatura varia: Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora da Vitória Aparecida, Nossa Senhora do Bom Parto, Rainha da Paz, e assim por diante. A nomenclatura também se mostra rica quando se relaciona às aparições: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Salette. Estima-se que sejam mais de duas mil denominações diferentes. As aparições de Maria chegam à popularidade a partir do século VIII, quando, então, Maria teria “descido” a Santo Ildefonso²⁶. A grande maioria dos relatos da vida de Maria, nos quais se baseiam os dogmas marianos, estão apoiados em escritos apócrifos²⁷, como, por exemplo, o Proto Evangelho de Tiago.

²⁵ REEBER, Michel. **Religiões, mais de 400 termos, conceitos e idéias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 167.

²⁶ STEIL, Carlos Alberto. Aparições de Nossa Senhora, tradição e atualidade. **Revista Grande Sinal**. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, set./out.1995. p. 549.

²⁷ Livros que não entraram no cânon nem na formação da Bíblia de versão católica com 72 livros e nem na versão protestante com 66 livros.

1.2.2 Maria em Salette: uma voz ditando os limites

A França foi considerada líder espiritual da cristandade²⁸, inclusive, no período seiscentista, chegando-se à convicção que bastava ser devoto exclusivo de Maria para ser salvo²⁹.

A aparição de Maria na aldeia de La Salette aconteceu em 19 de setembro de 1846, à duas crianças, Maximino Giraud (11 anos) e Melânia Calvat (14 anos). *La Salette* é uma pequena vila entre as montanhas dos Alpes, no Departamento de *Isère*, sudoeste da França. Como conta a história temos que as duas crianças trabalhavam com o pastoreio de gado vacum e, no referido dia, após terem conduzido o gado até um bebedouro, também eles vão junto de um riacho sazonal chamado *Sézia*, onde almoçam e após cochilam. Mas, logo, acordam sobressaltados, pois julgam terem perdido o rebanho. Apavorados saem em busca de gado. Ao localizá-los tranquilizam-se e voltam até o local do descanso, a fim de pegar as mochilas. Melânia, apavorada, é a primeira a ver um globo de intensa luz. O gado entreabre-se e deixa ver uma senhora sentada sobre uma pedra, com o rosto entre as mãos e chorando. A “Bela Senhora” coloca-se de pé e chama as crianças para mais perto. Essa “Bela Senhora” fala em francês e as crianças não a compreendiam, uma vez que falavam apenas o dialeto da região.

²⁸ COYLE, Kathleen. **Maria na tradição cristã**. São Paulo: Paulus, 1999. p. 83.

²⁹ COYLE, 1999, p. 83.

1.2.3 O discurso de Maria em Salette: As coordenadas

As primeiras palavras dirigidas às crianças constituem-se de um chamado amistoso, muito semelhante ao chamado dos anjos que anunciam a Boa Notícia do nascimento de Jesus, aos pastores de gado miúdo que faziam vigília na noite de seu nascimento, conforme é relatado no Evangelho de Lucas 2.10³⁰ Maria faz o seu “chamado”: *“Vinde, meus filhos, não tenhais medo! Aqui estou para vos contar uma grande notícia!”*³¹. Após estas primeiras palavras, ela comunica-se com os videntes em “patois”, ou seja, dialeto local. A sua mensagem constituíam-se de “revelações”, de exortações e de segredos confiados a cada uma das crianças de forma individual. A seguir, trago parte do discurso de Maria em Salette, de acordo como é testemunhado pelo Pe. Fassini³²:

Se meu povo não quer submeter-se, sou forçada a deixar cair o braço de meu Filho. É tão forte e tão pesado que não posso mais sustê-lo. Há quanto tempo sofro por vós! Se quero que meu Filho não vos abandone, sou incumbida de suplicá-lo sem cessar. E quanto a vós, nem fazeis caso! Por mais que rezeis, por mais que façais, jamais podereis recompensar a aflição que assumi por vós. Dei-vos seis dias para trabalhar, reservei-me o sétimo, e não querem me concedê-lo. É isso que torna tão pesado o braço de meu Filho! E também os carroceiros não sabem praguejar sem implicar com o nome de meu Filho. São as duas coisas que tornam tão pesado o braço de meu Filho. Se a colheita se estraga, é só por vossa causa. Eu vo-lo mostrei no ano passado, com as batatinhas: Vós nem fizestes caso! Ao contrário: quando encontráveis batatinhas estragadas, praguejáveis implicando com o nome de meu Filho. Elas continuarão assim, e neste ano, para o Natal, não haverá mais³³.

Nesse discurso de Maria, ela usa a primeira pessoa, não se identifica e reivindica para si qualidades do Deus criador, como o fato de ela ter concedido o dia de descanso e o abuso do nome, podendo encontrar paralelo ao segundo mandamento do decálogo, conforme o livro de Êxodo capítulo 20.7. Assume, ainda,

³⁰ No Evangelho de Lucas 2.10, lemos: “O anjo, porém, lhes disse: Não temais; eis aqui vos trago boa nova de grande alegria, que será para todo o povo”.

³¹ FASSINI, Pe. Atico. **História da Salette**. Erechim: São Cristóvão, 1996. p. 35.

³² FASSINI, 1996, p. 29-41. O discurso completo emitido por Maria em La Salette encontra-se no anexo I.

³³ FASSINI, 1996, p. 37.

os atributos de Jesus, dizendo que tomou sobre si as aflições em lugar dos seres humanos. Ela é a intercessora junto a seu Filho que é o “juiz” e “carrasco” pronto para castigar, para deixar pesar o braço³⁴.

Em suas falas de juízo, consequência dos pecados dos seres humanos que romperam com os ditames da lei divina, a “Bela Senhora”, traz a par também as possibilidades de reversão dessa situação de misérias:

Se a colheita se estraga... Se tiverdes trigo, não se deve semeá-lo. Tudo que semeardes será devorado pelos insetos, e o que produzir, cairá em pó ao ser malhado. Sobrevirá uma grande fome. Antes que a fome chegue, as crianças menores de sete anos serão acometidas de tremor e morrerão nos braços dos que as carregarem. Os outros farão penitência pela fome. As nozes caruncharão, as uvas apodrecerão. [...] Se se converterem, as pedras e rochedos se transformarão em montões de trigo, e as batatinhas serão semeadas nos roçados. Ah! Meus filhos é preciso fazê-la (oração) bem, à noite e de manhã, dizendo ao menos um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, quando não puderdes rezar mais. Quando puderdes rezar, rezai mais. Durante o verão, só algumas mulheres mais idosas vão à missa. Os outros trabalham no domingo, durante todo o verão. Durante o inverno, quando não sabem o que fazer, só vão à missa para zombar da religião³⁵.

Em seu discurso em La Salette, a “Bela Senhora” demonstrou muita firmeza, até mesmo ameaçando aqueles que permaneceriam impenitentes, com miséria, fome e morte de infantes. Paralelo bíblico em relação a esse discurso pode ser localizado em Êxodo capítulos 10 e 11, que tratam da oitava e décima praga enviada por Deus ao Egito, a praga dos gafanhotos e a morte dos primogênitos, também a estrutura de seu discurso lembra muito os discursos dos profetas do Primeiro Testamento³⁶, com denúncia das situações de injustiça e sofrimento, tendo origem a infidelidade do povo, anúncio de juízo, com as ameaças de fome, e anúncio de

³⁴ Nesse sentido percebe-se semelhanças no discurso de Maria em Anguera, Bahia, em que Maria reivindica atributos de Cristo, como a afirmação de 6 de dezembro de 1988: “ O que me segue não andará nas trevas”. Vide livro: OLIVEIRA, Pe. Dr. José Lisboa de. *As Aparições de Nossa Senhora: uma avaliação teológica*. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis: Vozes, n. 223, set.1996. p. 591.

³⁵ FASSINI, 1996, p. 38.

³⁶ Exemplos de pregação profética de juízo contra o povo infiel podem ser encontrados, por exemplo, nos livros de Isaías, Jeremias, Ezequiel e Oséias.

graça a todos aqueles que se convertem e estabelecem uma nova relação com Deus, expresso através da fidelidade de freqüência à missa e reza diária.

A “Bela Senhora” termina sua fala com uma ordem: “meus filhos, transmitireis isso a todo o meu povo!”. Essa fórmula de anúncio a todos, mais uma vez encontra paralelo nas mensagens angélicas do Segundo Testamento, em especial nos últimos capítulos dos Evangelhos, quando da Ressurreição de Jesus, em que é feita a exortação de que esse fato deve ser anunciado aos seus discípulos (Evangelho de Mateus 28.7; Evangelho de Marcos 16.7), pois se trata de uma grande novidade da ação divina.

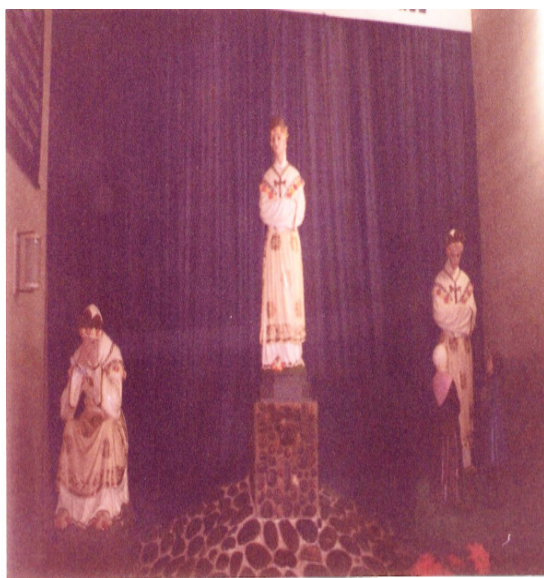
Dentro dos “Acontecimentos de Salette”, além de encontrarmos paralelos entre suas falas e textos bíblicos, também é possível traçar afinidades com a devoção popular francesa e como outras aparições marianas através de seus símbolos. É o que se tratará no próximo tópico.

1.2.4 Simbologia: Placas indicadoras

A simbologia da aparição de Maria em Salette é muito rica, podendo ser ligada à devoção popular contemporânea ao acontecimento, bem como ter influenciado as compreensões populares e rendendo-lhe também títulos complementares à sua titulação toponímica de Salette.

Entre os símbolos nota-se um crucifixo tendo em cada braço um martelo e uma torquês, na cabeça um diadema, e uma corrente em torno dos ombros. Está envolta em uma bola de luz e traz rosas na roupa e nos pés. Possível origem dos símbolos está contextualizada no século XVII.

No período citado acima, muitas práticas de devoção e doutrinas eclodiram por toda a França originando muitas confrarias e irmandades tais como a irmandade “Escravos de Maria”. Estes confrades se prendiam em “escravidão” espiritual à Maria, usando cadeias ao redor do pescoço e pulsos³⁷. A corrente é símbolo universal de elos e uniões, e freqüentemente é entendido como símbolo das relações entre céu e terra. No mesmo sentido é entendida também a oração, equivalendo em sentido a uma corrente de ouro³⁸. Destarte, através dos símbolos, une-se a palavra e a imagem, o discurso “divino” de mãos dadas com um signo difundido na espiritualidade popular³⁹.



Nossa Senhora de Salette com símbolos e correntes no templo e na procissão
Foto: Adriana Weege

³⁷ COYLE, 1999, p. 84.

³⁸ LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1990.

³⁹ Conforme o pesquisador FASSINI descreve parte do discurso de Maria em Salette “Fazeis bem vossa oração, meus filhos? [...] Ah! Meus filhos é preciso fazê-la bem, à noite e de manhã, dizendo ao menos um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, quando não puderdes rezar mais. Quando puderdes rezar, rezai mais”. In: FASSINI, 1996, p. 38.

Convergento os símbolos à religiosidade leiga, Maria de Salette recebeu o título, no Brasil, de “**Padroeira dos agricultores**”, a partir de uma festa ocorrida em Erechim, em 1953. Em acordo com o contexto da região norte gaúcha, predominantemente rural, baseada na agricultura familiar característica de minifúndio é que pode ser encontrada a difusão de tal titulação. Segundo o Pe. Fassini, “contexto montanhês, os videntes, a linguagem, as atitudes e vestimentas de Maria induzem a essa leitura”⁴⁰, ou seja, Maria de Salette pode ter sido identificada com a vida campesina a partir de suas roupas, semelhantes às das mulheres da região francesa, com lenço e avental, instrumentos de trabalho (marreta e torquês) bem como a escolha do ambiente rural agro-pastoril e o discurso de anúncio-denúncia, utilizando elementos voltados ao plantio bem-sucedido aos convertidos e às perdas das safras dos infiéis.

No século XIX um dos livros que mais influenciou a devoção mariana foi o livro “As glórias de Maria” de Afonso de Ligório, no qual ele atribui como papel principal de Maria “erguer as almas que caíram da graça divina e reconciliá-las com Deus”, lembrando também que “se Deus está irado com um pecador, Maria toma-o sob sua proteção, detém o braço vingador de seu Filho e o salva”⁴¹. Nesse sentido, os fiéis dos fatos de Salette, identificaram em Maria a “reconciliadora dos pecadores”, a partir de então passando a ser denominada como a “**Mãe da Reconciliação**”⁴².

De acordo com a teologia protestante, o ministério da reconciliação, é o grande ministério da Igreja Cristã, isto é, a reconciliação de Deus com os seres

⁴⁰ FASSINI, 1996, p. 64.

⁴¹ COYLE, 1999, p. 86. Ver também o discurso inicial de Maria em Salette: “Se meu povo não quer submeter-se, sou forçada a deixar cair o braço de meu Filho. É tão forte e tão pesado que não posso mais sustê-lo. Há quanto tempo sofro por vós! Se quero que meu Filho não vos abandone, sou incumbida de suplicá-lo sem cessar. E quanto a vós, nem fazeis caso”. In: FASSINI, 1996, p.35-41.

⁴² FASSINI, 1996, p. 64.

humanos. É um ministério de Jesus, através do perdão dos pecados, em que Deus traduz sua graça mediante a sua encarnação no mundo (Segunda Carta de Paulo 5.18-19). Reconciliação, conforme o texto bíblico citado é atributo de Jesus, mas, conforme materiais “biográficos” dos videntes, Maria também é identificada pelos fiéis e aceita e propagada pela ICAR como tal, a respeito dessa teologia maiores estudos adiante. As coordenadas foram ditadas, agora precisavam ser comunicadas e, para isso, Maria contou com auxiliares.

1.2.5 Os videntes: Agentes comunicadores

Após a manifestação de Maria às crianças, estas retornam a casa e relatam os fatos aos seus referidos patrões, pois até então elas desconhecem a senhora. São os adultos que fazem a ligação das palavras ditas pela “Bela Senhora” com Maria, pois é esta que tem um Filho no céu. Uma investigação instaurou-se e depois de cinco anos de análises, o Bispo de *Grenoble*, Felisberto Bruillard, em 19 de setembro de 1851, pronuncia-se, através do “Decreto Doutrinal sobre o Fato da Salette”, em que ele afirma:

Nós julgamos que a aparição da Santa Virgem a dois pastores, a 19 de setembro de 1846, sobre um monte da cadeia dos Alpes, situado na Paróquia de La Salette, no Decanato de *Corps* traz em si todas as características da verdade, e que os fiéis têm razão em acreditar nela como indubitável e certa⁴³.

⁴³ FASSINI, Atico. **Crônicas de uma missão**: Cem anos de presença saletina no Brasil. 1.ed. Passo Fundo: Curitiba, 2001. p. 53.

A Igreja Católica nos últimos dois séculos aceita, ou permite o culto de sete aparições de Maria. Destas, quatro, os/as videntes são crianças. Duas aparições trazem segredos que somente a Igreja é guardiã: Salette e Fátima⁴⁴.

A partir de Salette e Fátima surge o “modelo”, um padrão para as aparições marianas no pós-guerra, envolvendo determinado tipo de vidente, contexto, forma de mensagem⁴⁵. Fazem parte das características das aparições do período serem os videntes crianças camponesas iletradas, também em Salette como será evidenciado logo adiante, e com dificuldade de aprendizado e comunicação, bem como o período de efervescência política e de mudanças na ordem social. Conforme Steil⁴⁶, a população empobrecida e carente encontra nas aparições e nas “revelações”, possíveis respostas para solucionar conflitos e encontrar explicações para as mazelas enfrentadas, enquanto a Igreja valoriza e, até mesmo, potencializa alguns destes episódios na tentativa de derrotar o racionalismo que aos poucos se impõe.

Assim com no caso das testemunhas de Fátima, as crianças foram encaminhadas aos cuidados de religiosos. Maximino, até então, não freqüentava a igreja nem a escola, e, de acordo com declarações do pai, o menino aprendeu o Pai Nosso e a Ave Maria depois de quatro anos de insistência. Depois de ter testemunhado a aparição em Salette, foi encaminhado para as Irmãs da Divina Providência em *Corps*. Melânia, também analfabeta, é encaminhada à mesma ordem que Maximino. Somente com dezesseis anos é admitida à Primeira Comunhão devido a sua dificuldade de aprendizado. Ambos os videntes só falam o *patois*, ou seja, o dialeto, mesmo depois da aparição. Apenas Melânia dedica a sua vida ao sacerdócio. Após terem cumprido suas tarefas de arautos da “Bela Senhora”, os ditames se expandem, vão longe...

⁴⁴ STEIL, 1995, p. 552-553.

⁴⁵ STEIL, 1995, p. 552.

⁴⁶ STEIL, 1995, p. 551-552.

1.3 EXPANDINDO AS DIREÇÕES: Rumo ao sul, de La Salette para Marcelino Ramos

A ordem missionária saletina, tem sua origem em 1º de maio de 1852, na França, por ordem do Bispo Dom Felisberto, a partir de uma equipe de três sacerdotes diocesanos, que passaram a ser “missionários de Nossa Senhora da Salette”. Consoante a esta ordem, é determinada a construção de um santuário no local da aparição. Em 1858 o grupo tornou-se Congregação⁴⁷. A chegada da Congregação ao Brasil data de 18 de dezembro de 1902, representada pela chegada do Pe. Clemente Henrique Moussier MS, ao porto de Santos⁴⁸.

Depois de exercerem, a princípio, o trabalho missionário no Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, a partir da necessidade de formar missionários em território brasileiro, surge o projeto de iniciar uma Escola Apostólica. Nessa perspectiva começa a procura pelo lugar ideal. Depois de muito procurar nos estados do sul, as perspectivas levam os missionários a enviar o Pe. Agostinho Poncet MS à estação Uruguaí, em Santa Catarina, local à beira do Rio do Peixe. Contudo, em pouco tempo, porém, partiu para Marcelino Ramos, localidade que ainda não tinha padre residente. Marcelino Ramos tinha uma rede de comunicação mais desenvolvida e melhores condições para a fundação da futura escola apostólica, devido a sua facilidade de transporte e posição estratégica ante a ferrovia. Neste trabalho outras possíveis razões para a escolha de Marcelino Ramos serão apresentadas.

A mudança de local ocorreu em 03 de fevereiro de 1927, com a intenção de, no novo local estabelecer uma Comunidade Saletina, fundar a Escola Apostólica, construir futuramente um Santuário de Nossa Senhora da Salette, aceitar o serviço

⁴⁷ FASSINI, 2001, p. 14.

⁴⁸ FASSINI, 2001, p. 18.

da Paróquia e comprar o terreno necessário para todos esses projetos⁴⁹. A escola foi iniciada a 1º de julho de 1928, junto à casa canônica⁵⁰.

1.3.1 A ROMARIA PENITENCIAL

A origem da Romaria Penitencial de Nossa Senhora de Salette pode ser identificada a partir da festa de Nossa Senhora da Salette que era celebrada anualmente em 19 de setembro, pela comunidade saletina, apostólicos e povo, com procissão desde 1928, saindo da Paróquia São João Batista, no centro de Marcelino Ramos⁵¹.

A primeira peregrinação à Marcelino Ramos foi incentivada por um pároco de Erechim, devoto de Nossa Senhora da Salette, que mobilizou os fiéis de sua paróquia, em cumprimento a uma promessa. Tal intento ocorreu no ano de 1936. Dessa peregrinação surge a série de Romarias Penitenciais a Nossa Senhora da Salette em Marcelino Ramos. O periódico “O Mensageiro” de novembro de 1937, utiliza a expressão “1ª Romaria” ao noticiar a peregrinação que se deu junto à Escola Apostólica, já instalada em um morro da cidade, entre os dias 25 e 26 de setembro de 1937⁵².

Da parte da ICAR, existe a proposta de que as Romarias sejam novas formas litúrgicas de viver o sacramento da Penitência, já que cada vez menos pessoas procuram os confessionários⁵³ e, como dever, “cabe à Igreja, a cada época,

⁴⁹ FASSINI, 2001, p. 181.

⁵⁰ FASSINI, 2001, p. 195.

⁵¹ FASSINI, 1995, p. 235.

⁵² FASSINI, 1995, p. 237-238.

⁵³ FRANCISCO, Pe. Manoel João. Romaria: Outra forma possível de celebrar o sacramento da Penitência. **Revista de Liturgia**, São Paulo: Paulinas, jan./fev. 1999. p. 33.

retomar, inventar a feição adequada do sacramento, sempre respeitando a sua estrutura⁵⁴. O local em que se realiza a romaria é encarado como um espaço de forte presença de Deus. Considera-se que ali Deus se manifesta através de uma imagem, relíquia ou acontecimento histórico do passado ou presente⁵⁵, no caso do município de Marcelino Ramos, o relato testemunhal é o *Fac-símile*. Em nossa viagem de mapeamento, fazemos registros de imagens e de impressões. A seguir, trazemos uma foto para auxiliar nesse traçado.

1.3.2 UMA FOTO: O *Fac-Símile*

O *Fac-Símile* é uma recriação da imagem do local da aparição na França. O *Fac-Símile* de Marcelino Ramos, inaugurado em 1942, está de frente à antiga escola Apostólica, em uma pequena depressão do terreno, onde existe um vertedouro de água, em que estão imagens de três momentos da aparição contendo Maria conversando com os videntes, sentada, chorando e de pé com as mãos junto ao peito. Neste espaço em que se encontra o *Fac-Símile*, ocorre a missa campal da Romaria⁵⁶.

Na Romaria de 1943 houve o lançamento da pedra fundamental do Santuário de Salette, sendo este inaugurado no Natal de 1948. Na construção original podia-se contemplar no altar uma imagem esculpida em cimento que representava Maria da Salette mantendo elevado o braço de Jesus sentado em um trono como juiz. Entre os anos de 1967 e 1968 o santuário passou por uma reforma que descaracterizou o original, inclusive destruindo a referida escultura, sendo esta

⁵⁴ FRANCISCO, 1999, p. 33.

⁵⁵ FRANCISCO, 1999, p. 34-35.

⁵⁶ FASSINI, 2001, p. 243.

destruição entendida como “ímpeto iconoclasta” pelo pesquisador Fassini⁵⁷, sem que este entre em maiores detalhes em torno do assunto.



Imagem do *Fac-Símile*
Foto: Adriana Weege



Fiéis em torno do *Fac-Símile*
Foto: Adriana Weege

Até aqui, tivemos, a partir de alguns fatos apresentados, e brevemente refletidos, algumas nuances do contexto que desenvolveu a espiritualidade saletina, bem como o contexto que acolheu essa espiritualidade e a repercussão dessa espiritualidade na sociedade marcelinense. Em relação às origens e compreensões de Romaria retomarei no quinto capítulo.

⁵⁷ FASSINI, 2001, p. 245.

Uma romaria contém diversas realidades, entre elas a festa. A festa também se expressa nas viagens turísticas. Conforme, Sanchis⁵⁸, o turismo faz parte das estruturas de uma romaria. A seguir quero trazer breve reflexão em torno desse aspecto, da viagem turística, ou seja, a contemplação da paisagem que faz parte dos caminhos de romaria.

⁵⁸ SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: Um lugar para o turismo religioso. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n. 8, out. 2006. p. 92-93.

CAPÍTULO II - CONTEMPLAÇÃO DA PAISAGEM

A beleza é coisa de leveza
Rubem Alves⁵⁹

Dentro da viagem de exploração e demarcação de rotas, nos deparamos com paisagens e as contemplamos. Viagem de contemplação é turismo. Aqui, neste capítulo trazemos algumas definições a respeito do turismo, sua expansão e importância nos tempos hodiernos. Em seguida traçaremos um paralelo com as romarias e peregrinações, fontes de uma nova espécie de turismo, o turismo religioso, bem como as ações que têm caracterizado o mesmo e a participação da ICAR.

2.1 TURISMO: Ultrapassando as fronteiras

Conforme o pesquisador Sanchis⁶⁰ romarias são articuladas em estruturas. A classificação que ele faz dessas estruturas, a princípio são três: A estrutura da religião, a estrutura da política e a estrutura “econômica”.

⁵⁹ ALVES, Rubem. **Um céu numa flor silvestre**. Campinas: Verus, 2005. p. 13.

A estrutura da religião é a estrutura formatadora da relação do/aromeiro/a com o sagrado, podendo ser representada pela instituição igreja que dá aporte através de suas estruturas físicas e administrativas.

Quanto a segunda estrutura, a política, Sanchis⁶¹ baseia sua posição a partir de Foucault, lembrando que “território é sem dúvida uma noção geográfica, mas é antes de tudo uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por certo tipo de poder”. A essa dimensão de estrutura da romaria, a política, retomarei adiante.

E, por fim, uma romaria adequa-se também a estrutura econômica organizada e prazerosa, através do turismo, que por si só não anula ou perverte necessariamente a estrutura romeira⁶².

O conceito de turismo, conforme Borba⁶³ pode ser definido como uma atividade de percorrer em viagem, a lugares que despertam interesse. No mesmo sentido, pode ser entendido como exploração do potencial capaz de proporcionar recreio, prazer e informação. Através do conjunto de conhecimentos que possibilitam a organização e a exploração comercial desses passeios, tendo um conjunto de serviços destinados a promover e orientar esse tipo de atividade.

Já, para Weinberg⁶⁴, turismo é uma palavra originária da língua francesa *tour*, que foi citado primeiramente no *The Oxford English Dictionary*, como a “prática do *touring*”, isto é, ação de viajar por prazer ou instrução e o “produto” da indústria turística é o “estranho”⁶⁵, isto é, o diferente, o que ele chama de “natureza das

⁶⁰ SANCHIS, 2006, p. 92-93.

⁶¹ SANCHIS, 2006, p. 92-93.

⁶² SANCHIS, 2006, P. 94-95.

⁶³ BORBA, Francisco S. (Org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004. p. 1398.

⁶⁴ WEINBERG, Jacques A. Anotações para uma teoria do turismo: A indústria da diferença. **Revista Comunicação e Sociedade**, Universidade Metodista de São Paulo, n. 27, 1997. p. 172.

⁶⁵ WEINBERG, 1997, p. 158.

fronteiras” expressa na cultura, geografia, língua, arquitetura, história, elementos demarcatórios que instigariam o desejo de exploração⁶⁶.

A indústria do turismo vende uma experiência, uma maneira pela qual as pessoas podem usufruir seu tempo livre. O turismo como indústria, tornou-se a terceira maior indústria do mundo, a partir da segunda metade dos anos 90 do século XX, ficando atrás apenas da indústria petrolífera e a indústria automobilística⁶⁷.

A atividade turística possui diversas dimensões e possivelmente o seu aumento dos últimos anos se deve ao desenvolvimento dos meios de comunicação, além da melhoria de vias e meios de transporte.

Assim, desde muito tempo a Igreja Católica, já em 1969, através do documento *Peregrinans in terra*, já olhava para o fenômeno do turismo. A partir disso, criou grupos que pensam o turismo em diversos âmbitos, vantagens, desvantagens e oportunidades. Nesse sentido, o Pontifício Conselho para a Pastoral dos Imigrantes e Itinerantes, lançou a interessante proposta de uma **Pastoral do Turismo**: “O propósito central da pastoral do turismo é o de suscitar aquelas condições excelentes que ajudam o cristão a viver a realidade do turismo como modelo de graça e de salvação”⁶⁸.

O turismo é visto pela ICAR como oportunidade de ser considerado como um novo “areópago” de evangelização. Além disso, pode converter-se em diálogo entre as culturas, resultando em uma civilização de paz e compreensão⁶⁹. Como resultado de algumas dessas reflexões, a ICAR, alerta em documentos, Encíclicas e

⁶⁶ WEINBERG, 1997, p. 159.

⁶⁷ WEINBERG, 1997, p. 154.

⁶⁸ BERKENBOCK, Volney (redator). SEDOC (Serviço de Documentação). **Orientações para a pastoral do turismo**. Pontifício Conselho para Pastoral dos Emigrantes e Itinerantes, Petrópolis: Vozes, vol.34, n.289, 2001. p. 270.

⁶⁹ BERKENBOCK, 2001, p. 280.

artigos a existência de muitas ilusões quanto ao turismo, tais como o desenvolvimento imediato de localidades, e que, em nome do afã desenvolvimentista cometem-se graves danos à natureza, à cultura e à convivência social.

Em conformidade com a Pastoral do Turismo, e das manifestações da ICAR quanto às possibilidades que envolvem o turismo, em 1969, possivelmente se poderá localizar o início da atividade turística em Marcelino Ramos. Essa atividade principia com a exploração das águas termais a partir de 1971, após a eleição do Padre Davi Gemelli como prefeito (1969-1973). O poço, de onde jorrava água sulfurosa, havia sido perfurado em 1958 em uma prospecção realizada pela Petrobrás⁷⁰.

O município de Marcelino Ramos, após o impacto do desativamento da ferrovia e, conseqüente, decadência econômica e social, devido à perda de habitantes, indústrias, comércio, busca soluções para seus problemas. Neste intento, o poço foi reaberto e instalaram-se chuveiros internos e externos a fim de proporcionar acesso às águas termais. Com um grupo de apoio composto pelo Seminário de Nossa Senhora Salette e por pessoas dos mais diversos setores do município iniciam-se ações, como a supra citada acima, em transformar a cidade em um pólo turístico, através de eventos, recursos naturais e recursos físicos⁷¹.

Marcelino Ramos, em seu portal de entrada, remete à religiosidade incentivada no local, ao trazer a imagem de uma vela como base de um arco amarelo/dourado. Nesse sentido, o turismo religioso em Marcelino está de acordo com as indicações da Pastoral do Turismo na medida em que indica a presença de

⁷⁰ ISOTON; ISOTON, 2005, p. 98.

⁷¹ ISOTON; ISOTON, 2005, p. 81-122.

um santuário que exerce a acolhida não se restringindo as informações históricas, mas manifestando a identidade religiosa⁷².



Portal de entrada de Marcelino Ramos
Foto: Adriana Weege

Pensando em turismo religioso, poderíamos ter a impressão de que o **sagrado** aparece como um serviço oferecido pelo turismo, ele é oferecido pelo mercado sem haver vinculação com qualquer instituição religiosa. Contudo, o turismo religioso aponta para uma forma de espiritualidade associada ao consumo de meios de diversão e de espetáculo⁷³.

Assim participando de uma Romaria Penitencial, a pessoa não precisa estar vinculada a nenhuma estrutura, podendo consumir a emoção religiosa fora do controle social ou moral eventualmente produzido pelas estruturas religiosas. Conforme Steil⁷⁴, o **mercado**, através do turismo, entra como mediador do sagrado, que seleciona quem pode ter a experiência de espiritualidade, portanto, mimetizando

⁷² BERKENBOCK, 2001, p. 299.

⁷³ STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação e Turismo: O natal em Gramado e Canela. **Revista Teocomunicação**, Porto Alegre, vol. 29, n. 125, set.1999. p. 422.

⁷⁴ STEIL, 1999, p. 427.

no campo do sacro, os mecanismos de exclusão que o mercado opera em outros âmbitos.

O turismo pode gerar um sentimento de “não-lugar” nas pessoas, ou seja, as pessoas estão num território que não é o seu *locus*, ali o estranho é muito menos ameaçador. Visto que o turismo tem como objeto o consumo do estranho, então, nesse sentido, exerce certo nível de controle sobre o desconhecido⁷⁵, sobre as situações que se podem escolher, pessoas com quem conviver ou por quanto tempo se deseja viver determinada situação. O turismo, sendo entendido como a indústria da diferença, em acordo com as economias de mercado, expressa na compra de “*souvenires*”, no show, na estética, pode trazer um risco: ser utilizado como um meio de ditar quem pode ter acesso às experiências religiosas e qual o tipo de experiência religiosa, talvez permitindo apenas a poucos o acesso aos “locais sacros”⁷⁶.

Nas romarias encontramos turistas e peregrinos. Os turistas-religiosos se diferenciam dos peregrinos por causas das estruturas de significados, pois as peregrinações em contextos turísticos, apontam para as transformações da vivência da religiosidade, em que o turismo passa a incorporar a mediação do sagrado, trazendo elementos de mercado e consumo, citados acima⁷⁷. O turismo acontece em conformidade com peregrinação ao afirmar as diferenças, bem como na medida em que existe o deslocamento espacial para viver a religiosidade, fora dos padrões tradicionais institucionais, a partir da busca pelo belo expresso de formas artísticas e culturais⁷⁸.

⁷⁵ WEINBERG, 1997, p. 162.

⁷⁶ STEIL, 1999, p. 427.

⁷⁷ STEIL, 1995, p. 419.

⁷⁸ STEIL, 1999, p. 413.

2.2 TURISMO E RELIGIOSIDADE: Cruzamento de latitude e longitude

Csordas, citado em Salvador⁷⁹, partindo de diversos autores desenvolve um paradigma intitulado *embodiment*. Esse seu paradigma tenta a superação de dicotomias, tais como mente *versus* corpo, dando possibilidades de pensar o corpo como sujeito da cultura, e não mais, apenas como um instrumento a serviço da mente.

Conforme estudos de Salvador⁸⁰, apoiada em Steil, novas formas de religiosidade têm se articulado de formas diferenciadas dos meios tradicionais, mas inspiradas na tradição católica, vêm sendo denominadas de Espiritualidade Nova Era e religiosidade *self*. Deduzindo daí que, uma fórmula originalmente do âmbito católico, ao incorporar elementos do turismo adquire uma nova configuração.

Por Espiritualidade Nova Era Salvador entende uma:

[...] religiosidade difusa, que permite identificar o “espírito peregrino” com o sagrado, entendido como pleno potencial de vida, ou seja, um sagrado que se apresenta livre de qualquer tipo de “monopólio institucional”⁸¹.

A religiosidade *self*, refletida a partir de Steil se:

[...] trata de um sagrado que transcende as tradições e os rituais religiosos, embora não os exclua necessariamente, e aponta para uma comunidade difusa, que não se funda mais sobre dogmas religiosos ou morais, mas encontra no próprio mercado seu princípio de coesão e sua fonte principal de sentidos⁸².

A religiosidade do *self* é ainda, descrita por Steil, em Salvador⁸³, como sendo uma “religiosidade que apela para os sentidos, remete ao emocional, provocando uma introspecção, uma busca interior”. É, parte da viagem virtual, introspectiva.

⁷⁹ SALVADOR, Thais Vanessa. **Peregrinação a Santa Paulina**: Um “novo modo de peregrinar”. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 51.

⁸⁰ SALVADOR, 2006, p. 42.

⁸¹ SALVADOR, 2006, p. 42.

⁸² SALVADOR, 2006, p. 42.

⁸³ SALVADOR, 2006, p. 42.

O espaço de ocorrência da Romaria de Salette ocupa todas as vias principais de acesso de Marcelino Ramos⁸⁴, a procissão traça uma “via-sacra”, lembrando aqui da leitura de Steil⁸⁵, em relação ao papel exercido pela procissão na romaria, em que esta parece ser meio de uma demarcação do espaço “sagrado”, sendo como um mapeamento da paisagem religiosa que “sacraliza” o espaço profano.

Visto que na parte central da cidade tem espaço o comércio informal de “camelôs” vindos de muitas partes, essa “atração é muito visitada pelos moradores da região, romeiros e demais turistas que participam do evento”⁸⁶, pode-se traçar um paralelo com a Romaria de Bom Jesus da Lapa descrita por Steil enfatizando que “o corpo tem lugar central, pois a romaria apresenta penitência e festa”⁸⁷. O corpo em evidência, nos “prazeres” proporcionados pelo consumo, bem como pela mortificação através dos eventos sacros.

Busca por salvação, graça, curas, festas ou o prazer proporcionado pelo deslocamento para uma romaria é “regalo” para o corpo. Por meio da inCORPOração o ser humano vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais por meio de seu próprio corpo, conforme Daolio⁸⁸. Em outros termos, o ser humano aprende e apreende a cultura por meio de seu corpo e, por que não dizer, também a cultura religiosa.

O agente da viagem, o corpo-viajante, é o que passarei a refletir no próximo capítulo. Tratarei no que concerne ao apelo aos sentidos, à introspecção e a busca por experiências religiosas a partir da superação da separação corpo x mente ou

⁸⁴ Conforme Anexo II.

⁸⁵ STEIL, 1995, p. 126.

⁸⁶ ISOTON; ISOTON, 2005, p. 84.

⁸⁷ STEIL, 1996, p. 134.

⁸⁸ DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 39.

corpo x espírito, a construção do corpo como espaço para se relacionar
sagrado.

CAPÍTULO III - FOCALIZANDO O AGENTE: O CORPO

*Meu corpo é resultado de um enorme feitiço.
E os feiticeiros foram muitos: pais, mães, professores, padres, pastores,
gurus, líderes político, livros, TV.
Meu corpo é um corpo enfeitado: porque meu corpo aprende palavras que
lhe foram ditas, ele se esqueceu de outras que, agora, permanecem mal...
ditas⁸⁹ ...*

A Romaria de Salette, assim como todas as romarias é formada por múltiplos personagens. No caso dessa romaria temos personagens presentes de forma “virtual” Maria, os videntes Melanie e Maximino, cristalizados em forma de estátuas⁹⁰ e personagens reais, os/as romeiros/as, os padres, os organizadores, os dirigentes da liturgia, os/as voluntários. Vários corpos em evidência, agindo e se relacionando. São os corpos que viajam e interagem e praticam ações.

Embora a filosofia platônica tenha classificado o corpo humano como “prisão da alma” da qual todos devem se libertar, a fé cristã não só valoriza como gira em torno do corpo: encarnação, ressurreição e presença de Cristo na Ceia. Por esse motivo, sendo a Romaria Penitencial de Nossa Senhora de Salette um evento pertencente à esfera da fé cristã, confessada conforme dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana, no presente capítulo trarei reflexões em torno do corpo do/a

⁸⁹ MUSSKOPF. André. Além do arco-íris. In: STRÖEHER, Marga J. (Org.). **À flor da pele**. Sinodal: São Leopoldo, 2004

⁹⁰ SANCHIS, 2006, p. 89.

romeiro/a, o/a viajante, visitantes e suas performances e formas de percepção e relação com o sagrado, bem como as “teologias” e seus desdobramentos.

3.1 DA UNIDADE DO CORPO-AGENTE

Durante muito tempo o corpo foi entendido como instrumento do espírito e esse pensamento fez parte da filosofia antiga e medieval. Contudo, somente com Descartes (1596-1650) é que surge de fato uma visão dualista de corpo como algo terminantemente separado e talvez até oposto à mente e espírito, ambos sendo entendidos como substâncias completamente diferentes⁹¹. Essa divisão resultou em diversas conseqüências, sendo que a principal foi a concepção do ser humano ser dividido em partes e não um ser integral.

A essa questão colocada por Descartes, Abbagnano⁹², procura na filosofia moderna e contemporânea, traçar algumas tendências a respeito das compreensões de corpo, ele identifica quatro correntes principais de pensamento. Na linha de Leibnitz, a primeira corrente, nega a diversidade das substâncias e reduz a substância corpórea à espiritual.

A segunda corrente filosófica entende o corpo como expressão da alma, do espírito, ou seja, “manifestação externa” do espírito. Essa idéia é assumida pelos românticos, como, por exemplo, Hegel.

De acordo com Spinoza, um representante da terceira vertente, corpo e alma são duas manifestações de uma mesma substância, ou seja, “manifestações

⁹¹ MEDINA, João Paulo S. **O brasileiro e seu corpo**. Campinas: Papyrus, 1987. p. 50.

⁹² MEDINA, 1978, p. 51.

de dois atributos fundamentais da única substância divina, o pensamento e a extensão”.

A quarta linha filosófica analisa o corpo como sendo uma forma de experiência, como um modo de ser vivido. Exemplos desta tendência podem ser encontrados na fenomenologia de Husserl e Sartre. Contudo, o maior contribuinte dessa vertente foi Merleau-Ponty, que em suas interpretações traz:

Quer se trate do corpo de outrem, ou quer se trate do meu, não tenho outro modo de conhecer o corpo humano senão o de vivê-lo, isto é, de assumir por minha conta o drama que me atravessa, e confundir-me com ele⁹³.

Essas compreensões serão aprofundadas no decorrer do presente estudo.

3.1.2 A gênese do agente viajante: O corpo

O agente viajante, o corpo tem a sua gênese a partir de relações. De acordo com o antropólogo Marcel Mauss, o corpo é a estrutura física do ser animal. O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do ser humano, mais exatamente, “o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo”⁹⁴. Nesse sentido em acordo com Mauss, Raach enfatiza que “o corpo humano, como instrumento, é considerado o mais importante meio de geração de renda enquanto corpo saudável”⁹⁵.

O corpo, no caso, o humano, “pode ser comparado a um *microchip* que registra as mais diversas informações, tem memória, guarda em si as recordações

⁹³ MEDINA, 1978, p. 52.

⁹⁴ MAUSS, Marcel. Técnicas corporais. **Sociologia e Antropologia**, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda/ Editora da Universidade de São Paulo, 1974. v.2, p. 217.

⁹⁵ RAACH, Lindomar. **As curas sob perspectiva social e teológica**. Trabalho Semestral. São Leopoldo, 1998. p. 13.

produzidas pelas mais variadas sensações”⁹⁶, como, por exemplo, a dor. A palavra corpo também tem como asserção a compreensão de ser o conjunto social, pois vários corpos formam um corpo, não só uma corporação, mas realmente os corpos em contato social formam, moldam os corpos individuais, logo, o corpo é uma construção social.

O primeiro ambiente de formação o corporal é a família logo ocorrendo a intervenção da escola, amigos, clube, religião sendo “também alvo de métodos de disciplinarização e adestramento na sociedade moderna”⁹⁷, e, nesse sentido basta lembrar da ditadura da moda, das dietas ou como diferenciação de classes sociais através do ensino de regras de etiqueta, no uso de talheres, modo de andar, etc.

A experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura. A percepção do corpo é função da organização da sociedade e do modo de relação do corpo com as coisas e as práticas corporais são atualizações de representações mentais. No corpo está simbolicamente impressa a estrutura social e a atividade corporal não faz mais do que torná-la expressa⁹⁸.

Cultura é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Sempre em acordo com o que é usual esse mapa não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem que disso tenham consciência⁹⁹. Levando em consideração as posições de Kroeber e Kluckhohn¹⁰⁰, deduz-se que cultura não se resume aos valores e convenções

⁹⁶ MAZZUCCHI, Maria Letícia Ferreira. O retrato de si. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1. ed., 1995. p. 421.

⁹⁷ MAZZUCCHI, 1995, p. 421.

⁹⁸ RODRIGUES, 1986, p. 125.

⁹⁹ RODRIGUES, 1986, p. 11.

¹⁰⁰ KROEBER, A.L.; KLUCKHOHN C. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: Instituto Getúlio Vargas, 1986. p. 290.

sociais, mas também faz parte a religiosidade, principalmente a religiosidade oficial, no caso a Igreja cristã. De acordo com suas conclusões:

[...] a cultura em padrões explícitos e implícitos de comportamento e para o comportamento, adquiridos e transmitidos por meio de símbolos, e que constituem as realizações características de grupos humanos, inclusive suas materializações em artefatos; a essência mesma da cultura consiste em idéias tradicionais (isto é derivadas e selecionadas historicamente) e especialmente nos valores vinculados a elas; os sistemas culturais podem, por um lado, ser considerados produtos de ação, por outro, elementos condicionadores de ação posterior¹⁰¹.

Igualmente, em acordo com Rodrigues¹⁰², é a sociedade em sua globalidade, e cada fragmento social em particular, que decidem o ideário de intelecto, de afetividade, de moral ou físico, bem como, o que a educação deve programar nos indivíduos a socializar, e, tanto quanto no espírito de uma sociedade, esta não pode sobreviver sem que seja fixada no físico de suas crianças alguns sinais de aparência essenciais que as identifiquem e permitam a comunicação.

Ainda no sentido do parágrafo anterior, lembro aqui uma fala de um rapaz luterano, membro da IECLB que considera “normal” o que ocorre na romaria, mesmo a possível existência de “exploração” que possa vir a ocorrer é normal, por que sempre existiu, sempre esteve no calendário da cidade, ou seja, conforme Da Matta¹⁰³, “tenho inscrito no meu corpo a cosmologia da própria sociedade”.

As técnicas de transmissão da “ordem natural” das coisas em uma sociedade ocorrem através de atos técnicos, atos físicos, atos mágico-religiosos, todos de certa forma em um *mix* nas mentes dos agentes, ou seja, conforme Mauss¹⁰⁴, “técnica é: ato tradicional eficaz (não se difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja tradicional e eficaz”. Habituo-nos a absolver e

¹⁰¹ KROEBER, A.L.; KLUCKHOHN, 1986, p. 290.

¹⁰² RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 4.ed., 1986. p. 45.

¹⁰³ MEDINA, 1987, p. 66.

¹⁰⁴ MAUSS, 1974, p. 217.

reproduzir características da cultura, inconscientemente como se aprende um idioma¹⁰⁵. A forma como o corpo comunica-se, são formas criadas, são ensinadas.

Deste modo, segundo o referido autor, os membros de uma sociedade, em determinadas situações, precisam se conformar a certas técnicas e regras que tornam os corpos uma expressão mais ou menos exata de algum sentimento coletivo¹⁰⁶. Para, Rabelo e Alves¹⁰⁷, o corpo deixa de ser “matéria inerte ante o espetáculo da cultura” para ser “síntese das situações vividas pelo sujeito”, fazendo o corpo tornar-se a própria experiência do sujeito no mundo.

3.2 A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO CORPO

O corpo, o agente viajante, é o meio de formação teológica, social e de consciência na romaria. É na viagem que o agente enriquece a sua gênese. Para Mauss¹⁰⁸ o corpo humano, seus movimentos, cada pequeno gesto é um tradutor de elementos de uma dada sociedade ou cultura. Conquanto, para o antropólogo “Quando uma geração passa à outra a ciência de seus gestos e de seus atos manuais, há tanta autoridade e tradição social quanto quando a transmissão se faz pela linguagem”¹⁰⁹, logo, é pela linguagem que se permite o estudo do corpo e do movimento humanos como expressões simbólicas e como valores aceitos na sociedade. O transmissor crê e pratica o gesto e o receptor aprende e mimetiza

¹⁰⁵ RODRIGUES, 1986, p. 39.

¹⁰⁶ DA MATTA, Roberto. **O corpo brasileiro**. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1987. p. 78.

¹⁰⁷ SALVADOR, 2006, p. 51.

¹⁰⁸ DAOLIO, 1995, p. 40.

¹⁰⁹ DAOLIO, 1995, p. 47.

aquele movimento. O interessante nesse enfoque, segundo Daolio¹¹⁰ é que ele permite o estudo do corpo e do movimento humanos como expressões simbólicas, já que toda prática social tem uma tradição que é passada às gerações por meio de símbolos.

Assim, o aprendizado da postura, numa romaria, como por exemplo, o andar descalço, andar em fila, com passos lentos, com reverência, com crianças vestidas de anjos, é também a apreensão por meio dos corpos de qual é o espaço sagrado e qual é o profano. Apreende-se e aprendem-se compreensões de vida por meio de pessoas que têm prestígio, no caso os padres, os/as beatos/as, no contato entre romeiros/as e moradores da cidade. Conforme Mauss:

É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. No ato imitador que segue, encontram-se todo elemento psicológico e o elemento biológico¹¹¹.

Aprende-se por imitação, nós humanos, enquanto crianças aprendemos a nos comportar observando os adultos, pessoas as quais atribuímos autoridade e sabedoria, pessoas em quem confiamos¹¹². A tradição oral, a mais conhecida e, em alguns grupos sociais a mais valorizada, é apenas uma dentre as tradições simbólicas. O antropólogo Mauss afirma ainda que a técnica:

[...] pode, também, ser transmitida pelo movimento em si, como expressão simbólica de valores aceitos na sociedade. Quem transmite acredita e pratica aquele gesto. Quem recebe a transmissão aceita, aprende e passa a imitar aquele movimento¹¹³.

Todos os santuários, considerados locais sagrados, têm forte apelo corporal¹¹⁴. A peregrinação é tida como fato salvífico, que em toda a performance

¹¹⁰ DAOLIO, 1995, p. 47.

¹¹¹ MAUSS, 1974, p. 215.

¹¹² MAUSS, 1974, p. 215.

¹¹³ DAOLIO, 1995, p. 47.

¹¹⁴ PEREIRA, José Carlos. **A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo**, 2003. p. 73. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever>>. Acesso em: 11 dez. 2006.

do/a peregrino/a contribui para a “educação” do corpo, do coração e da alma, através do percorrer longos e demorados caminhos¹¹⁵. Nas romarias e peregrinações, no caso na romaria de Salette, testemunham-se muitas atitudes de sacrifício a fim de conseguir o favor divino. Em relação ao tema sacrifício dedicarei maior atenção em um item específico. Conforme Salvador, pesquisadora da peregrinação de Santa Paulina, no estado de Santa Catarina,

O corpo é o instrumento de imersão na peregrinação. O corpo é a própria via de imersão no evento, independente das motivações dos participantes. Ou seja, se o peregrino está participando por crer na idéia de sacrifício, o corpo é o instrumento de participação, no qual será inscrito as marcas da tradição católica de penitência¹¹⁶.

São através dos corpos que passam sensações, desejos e necessidades que articulam, como se fosse um texto impresso, as diversas compreensões cosmológicas formadoras da **pessoa**¹¹⁷ em relação à divindade e a sociedade.

Nesse sentido em acordo com Merleau-Ponty¹¹⁸, em seu estudo fenomenológico, afirma que a nossa experiência de mundo somente é possível através de nossa experiência de corpo, o nosso meio geral de ter um mundo. Mas também Salvador¹¹⁹ reflete muito bem as posições do autor citado, retomando sua idéia de que o sujeito da experiência não pode ser reduzido à simples consciência, como é proposto pelo pensamento dual de Descartes, com separação muito delimitada entre mente e corpo. O ser humano é a consciência encarnada, sendo o corpo a marca da inserção do sujeito em uma tradição.

¹¹⁵ ROSSO, S. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas/Paulistas, 1989. p.1033.

¹¹⁶ SALVADOR, 2006, p. 42.

¹¹⁷ A **noção de pessoa** é aqui entendida no sentido maussiano, a "pessoa" é algo além de um fato de organização, mais do que o nome ou o direito reconhecido a um personagem e mais do que uma máscara ritual: é um fato fundamental do direito. Vide MAUSS, 1974.

¹¹⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 122.

¹¹⁹ SALVADOR, 2006, p. 48.

A identificação do mundo ao nosso redor se dá através dos sentidos corporais. Assim, estes têm fundamental importância na união com o sagrado, pois é através dos sentidos que ocorrem as aberturas e as possibilidades de aproximação e vivência de experiências místicas¹²⁰. Sentidos embora tenham sido relegados a segundo plano na percepção de mundo, são “janelas, portas, passagens”¹²¹.

No capítulo seguinte, a apresentação dos rituais de culto e rituais de festa, registrados no meu diário de campo, se dará através da analogia dos cinco sentidos.

Evidentemente que poderia apresentar os rituais de diversas formas, inclusive em ordem cronológica. Contudo, concordo com a leitura de Salvador em que, a partir de Csordas, percebe os sentidos como:

[...] “encarnados” ou corporificados e orientam o sujeito nas suas ações e interações na sociedade. Os significados são vistos, então, não como possibilidades para a explicação da experiência (no sentido de causa e efeito), mas, como o campo semântico em que os corpos se movimentam e as experiências se realizam¹²².

A romaria-festa comporta sacrifício, a purificação, a reconciliação e a cura, o sofrimento, o esforço, o sacrifício, a doação e o auto-interesse¹²³. Depois da “obrigação” religiosa vem a festa, o prazer. Por isso, na exposição dos principais fatos observados no diário de campo, trarei lado a lado os rituais de culto e os rituais de festa, os viajantes se relacionando.

¹²⁰ PÓLVORA, Jaqueline Britto. O corpo batuqueiro: Uma expressão religiosa afro-brasileira. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1. ed., 1995. p. 136.

¹²¹ MEDINA, 1987, p. 54.

¹²² SALVADOR, 2006, p. 51.

¹²³ MENEZES, Renata de Castro. Devoção e diversão: A festa da Penha (RJ) como uma romaria. **Revista Eclesiástica Brasileira**. vol.n. 232, Petrópolis: Vozes, 2000. p. 333.

CAPITULO IV - RITUAIS DE CULTO E FESTA: Registros de uma viagem

*Idéias são entidades espirituais.
O espiritual é um espaço dentro do
corpo onde coisas que não existem, existem.*
Rubem Alves¹²⁴

A romaria penitencial de Nossa Senhora de Salette, ocorre sempre durante o mês de setembro, tendo basicamente duas etapas: a primeira no dia 19 uma procissão luminosa com saída da Matriz São João Batista em direção ao santuário de Salette e a segunda no último final de semana de setembro, conforme exposto no primeiro capítulo. A estrutura dessa segunda parte é formada por procissão luminosa no sábado à noite com saída da missa da matriz, acompanhando a imagem de Maria chorando, vinda da França, sendo essa a única que suportou um temporal que atingiu Marcelino na década de 40 que derrubou a antiga matriz.

Minha primeira participação se deu em setembro de 2006. A pequena cidade de Marcelino Ramos, ao norte do Rio Grande do Sul, torna-se uma cidade movimentada, recebendo milhares de pessoas. Nestes dias pude presenciar a chegada de diversas excursões advindas de São Paulo, Curitiba, do Oeste Catarinense além das localidades vizinhas. Houveram também, pessoas que

¹²⁴ ALVES, 2002, p. 65-66.

chegavam a pé, atravessando a Balsa do Rio Uruguai ultrapassando, assim, a fronteira estadual ou vindo da direção de Erechim.

4.1 REGISTROS DE UM AGRIMENSOR: Diários e fotos

Na tarde de sábado saí para olhar a cidade. A cidade estava quase “pronta”. Ao longo do caminho da procissão já estavam colocadas placas com dizeres como: “Nossa Senhora solidária com o povo”; “Sejamos firmes na justiça”; “Paz” e uma imagem de Jesus dizendo: “Eu preciso de você”, bem em frente ao Clube Concórdia, onde mais tarde naquele dia haveria um baile.



Fachada do Clube Concórdia
Foto: Adriana Weege

Já no sábado à noite é dado o momento da procissão luminosa que inicia na Igreja Matriz e vai em direção ao Santuário. A missa é transmitida pelos alto-falantes

espalhados pelo trajeto, bem como pela Rádio Salette. Em concordância ao lema “Também sou teu povo Senhor”, o hino “O povo de Deus”¹²⁵ foi acompanhado por rezas. As preces/petições enfatizam Maria como reconciliadora dos pecadores. Ocorre em diversos momentos a repetição de trechos do discurso de Maria em Salette. Enfatiza-se a moral e a missa como sendo o centro da vida cristã. Essas falas são ouvidas através dos alto-falantes e são ditas a partir do santuário por pessoas que fazem parte de uma equipe litúrgica formada por padres e leigos/as.

No andor, à frente, um padre carrega uma cruz, seguido de crianças vestidas de anjo, dispostas lado a lado segurando uma corda de cizal e recitando a “Ave Maria”. A isto, sucede-se a imagem de Nossa Senhora Salette chorando e logo o povo em geral, segurando velas (distribuídas a um custo de R\$ 1,50), algumas pessoas estando descalças enquanto acompanham as preces: “Maria intercedei por nós!”, “Perdão dos pecados e salvação”. É feito também um “apelo materno” a Deus pelos valores familiares e da maternidade.

Quando o andor chega ao santuário há queima de fogos e é conclamada a elevação das tochas, os sinos são tocados e a melodia instrumental de “Imagine”, de John Lennon, é reproduzida. Logo em seguida, é encenado o “Acontecimento de Salette”, por moradores da cidade voluntários/as na romaria e no momento da manifestação verbal de Maria, a trilha sonora é do filme 2001 uma Odisséia no Espaço. Depois da encenação encerram-se as atividades de sábado. Uma

¹²⁵ “O povo de Deus, no deserto andava, mas à sua frente alguém caminhava. O povo de Deus era rico de nada, só tinha a esperança e o ó da estrada. Também sou teu povo Senhor, e estou nesta estrada, somente tua graça me basta e mais nada/ O povo de Deus também vacilava, às vezes custava a crer no amor. O povo de Deus chorando rezava, pedia perdão e recomeçava. Também sou teu povo senhor, e estou nesta estrada. Perdoa se às vezes não creio em mais nada/ O povo de Deus também teve fome e tu lhe mandaste o pão lá do céu. O povo de Deus cantando deu graças, provou teu amor, amor que não passa. Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada. Tu és alimento na longa jornada/ O povo de Deus ao longe avistou a terra querida que o amor preparou. O povo de Deus corria e cantava e nos seus louvores teu poder proclamava. Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada, cada dia mais perto da terra esperada”.

comerciante de bebidas instalada de frente a casa paroquial da IECLB, impossibilitada de participar da procissão, quando esta se aproxima, acende uma vela apagando somente quando as pessoas descem o morro do Santuário. Essa atitude talvez demonstre que ela através da vela acesa entendia que existia uma continuidade, uma ligação aos atos religiosos que estavam acontecendo em cima do morro.

O público é variado, composto por visitantes, moradores, comerciantes, porém prevalecem as famílias. Entre os comerciantes uma figura que chamou-me muito a atenção foi um artesão, chamado “Chiquinho”. Proveniente de Erechim, Chiquinho questiona a fé católica, afirmando que a instituição vai arrecadar muito dinheiro e que não vai reverter em benefício do povo. Ele não sabia que o título Nossa Senhora Salette referia-se à Maria, pensava que Salette fosse uma santa. Na mesma linha, uma moça evangélica (IECLB) inquire: “Afinal, Nossa Senhora Salette apareceu aqui em Marcelino Ramos?”.

Durante o ano de 2007 decidi participar dos momentos da Romaria em que eu havia declinado no ano anterior. Em termos gerais continuavam as bancas de comidas, vendas de imagens e outras “quinquilharias”.

No ínterim da missa de sábado à noite, circulei pelos espaços do templo e do largo da Matriz. Enquanto ocorria a missa e nessa minha circulação, pude ouvir várias falas e testemunhar diversos gestos dos participantes da missa. A circulação era constante, pessoas entrando e saindo do templo a todo instante.

Dentro da celebração da missa aconteceram concomitantemente confissões numa sala perto da entrada da igreja e surgiu uma pequena fila de pessoas desejosas em confessar-se depois que um padre de nacionalidade polonesa oferecer esse sacramento. Contudo, uma senhora retrucou, após o padre entrar na

salinha, que “confessa e pede perdão diretamente a Jesus, não a um homem”. Com essa atitude, a recusa do sacramento, talvez possamos deduzir que essa senhora está declarando independência quanto aos ritos oficiais.

Como o templo estava muito cheio, pessoas acompanhavam a missa pelos alto-falantes nas escadarias e no largo. Junto à porta, no lado externo, pessoas conversavam e um senhor pergunta a uma fiel: “A senhora é devota dessa santa ou daquela de Erechim? Que eu achei que aquela é mais perto...”¹²⁶. Ou seja, possivelmente os próprios membros do catolicismo confundem as nomenclaturas marianas como pessoas diferentes.

Em seguida, a imagem da Virgem de Salette chorando, sai do templo em andor e é seguida em andor pelos/as romeiros/as, a maioria portando velas acesas. Na edição deste ano de 2007, não vi anjos ou corda de cizal no andor, como no ano anterior. As pessoas vão se juntando à procissão na medida em que vai se aproximando do santuário. Uma dessas pessoas, foi um senhor coberto com uma toalha com o símbolo do Sport Club Internacional (talvez agradecendo o título mundial interclubes 2006?). Ao final da encenação, ocorre uma bênção e as pessoas começam a descer o morro em direção à cidade. Pessoas vão se encontrando e conversando animadamente.

No domingo da manhã seguinte, os atos da noite anterior, isto é, missa na Matriz e a procissão repetem-se, inclusive as petições do terço. Sobem com a procissão diversos grupos organizados de cidades próximas, bem como excursões de locais mais longínquos. A missa campal do domingo conta com a presença do bispo da diocese local, Erechim. Após missa campal, acontece intervalo para o almoço e às 14 horas há a retomada dos atos religiosos com um terço, com as

¹²⁶ Ele referia-se ao santuário de Nossa Senhora de Fátima, localizado em Erechim, com romaria anual em doze de outubro.

mesmas petições do sábado à noite e domingo de manhã, encerrando com a encenação da aparição de Maria ou dos “Acontecimentos de Salette” e a bênção aos romeiros.

4.2 OS CINCO SENTIDOS: Os viajantes e os rituais

O corpo está em evidência, nos “prazeres” proporcionados pelo consumo, pelos bailes, pelos objetos eletro-eletrônicos, brinquedos, bem como pela mortificação através dos eventos sacros¹²⁷ e a partir de cada uma das faculdades de perceber as impressões exteriores, isto é, dos sentidos, a saber, visão, audição, olfato, paladar e tato, que segue-se a apresentação do que se percebe dos/as agentes viajantes. Os corpos viajantes têm uma formação e a partir dessa, têm formas de absorver o mundo ao seu redor. Os corpos viajantes têm uma formação e a partir dessa, têm formas de absorver o mundo ao seu redor. Os corpos-viajantes ao longo da viagem desenvolvem formas de chegarem ao alvo e de relacionamento entre si. A seguir, refletiremos os dons de percepção e assimilação do mundo secular e do sagrado”.

4.2.1 O primeiro dom do Corpo: A Visão

¹²⁷ STEIL, 1996, p. 134.

O primeiro sentido que servirá de aporte na apresentação do diário de campo será a visão. A visão na romaria é muito estimulada em vários ambientes e também é um aprendizado, uma forma de ver ou identificar o sagrado.

A Romaria de Salette, conforme o livro organizado pelos alunos do curso técnico em turismo de Marcelino Ramos, destaca: “as suas várias solenidades, tais como missas, orações, encenações, procissão luminosa e a queima de fogos, um verdadeiro **show** [grifo meu] pirotécnico”¹²⁸. A imagem é algo muito marcante no evento. De acordo com Merleau-Ponty: “Aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer reorganizar o esquema corporal”¹²⁹. Pois, note-se a centralidade do *Fac-símile* e do cuidado do jardim em que este está inserido, uma vez que através da contemplação da beleza da arte e da natureza, pode haver a promoção de fé, e, daí, a contemplação promove o encontro com Deus¹³⁰.

O templo do santuário de Salette em Marcelino Ramos é cheio de detalhes no seu interior, que são meios de “missão” através de imagens. Nas laterais estão os vitrais, alguns com cenas de aparições de Maria em Salette e Fátima. Um vitral traz a imagem de Jesus na cruz, logo acima de Maria coroada, com os dizeres: “A vontade de Deus é que recebamos tudo por Maria”. Diversas placas com dizeres remetem aos “acontecimentos de Salette”, mas uma chama mais a atenção: “Salette Acolhe, Ilumina, Conduz a Jesus”. Chamou-me a atenção por causa de sua redação, pois se tem a função de dizer que Maria conduz a humanidade até Jesus, então está faltando uma crase, o que vai então dar a idéia de que é Maria que acolhe, ilumina e conduz a Jesus pelos caminhos que deve seguir. De qualquer forma, Maria é entendida como mediadora, já que se conduz Jesus é ela que delinea o seu

¹²⁸ ISOTON; ISOTON, 2005, p. 84.

¹²⁹ MERLEAU-PONTY, 2006, p. 212.

¹³⁰ BERKENBOCK, 2001, p. 325.

ministério e, se é ela que conduz as pessoas até Jesus, outra vez é ela que intercede na salvação e despertamento da fé, ou seja, tem a função, que de acordo com palavras bíblicas, é do Espírito Santo¹³¹.

As encenações dos “Acontecimentos de Salette”, nas quais são utilizados recursos tais como gelo seco, luzes e música instrumental, parece ser o ponto alto dos ritos oficiais, pois é realizado por duas vezes, demonstrando, assim, a sua importância dentro do culto. Lembro de um grupo de pessoas há poucos de metros de onde eu estava durante as comemorações de sábado em 2007, que comentavam que “vieram passear em Marcelino e ‘apreciar’ a romaria”. Essa atitude de “apreciação”, vem ao encontro da lógica apontada por Merleau-Ponty, citado em Langdon¹³², em que a “experiência invocada pela performance é importante, sendo consequência dos mecanismos poéticos e estéticos e dos vários meios comunicativos expressados simultaneamente. O ato performático chama a atenção de todos os participantes por meio do estranhamento do cotidiano”.

Descendo o morro pude notar pela primeira vez, naquele final de semana, a presença de mendigos ou pedintes ao longo das vias de acesso ao santuário, expondo feridas, deitados ou sentados de mãos estendidas. Mendicância entra para a realidade da cidade e se faz presente dentro do apelo visual, talvez levando à sentimentos de piedade, repulsa e até mesmo culpa, pois tanto romeiros/as como mendigos estão configurados em “espaço sagrado” em que é constante o apelo à solidariedade.

¹³¹ Conforme Evangelho de João 14.26; Carta de Paulo aos Romanos 8.26-27.

¹³² LANGDON. Jean Esther. Performance e preocupações pós-modernas na antropologia. In: TEIXEIRA, João Gabriel (Org.). **Revista Performática: performance e sociedade**. Brasília: UNB, 1998. p. 26.

Na cidade os espaços são partilhados por bancas de comida, bebida, ambulantes (camelôs), artesãos e brinquedos de parques de diversão. O principal espaço de instalação dos camelôs é o interior do salão paroquial da Igreja Matriz.

Na rua principal do centro os comerciantes ambulantes estavam instalando-se, contudo este ano a grande parte optou por instalar-se no interior do salão da Igreja Matriz. Os ambulantes conhecidos como “camelôs”, comercializavam centenas de coisas: brinquedos, eletrônicos, bijuterias, CD/ DVD's, objetos de decoração, roupas, bebidas, comidas e imagens de diversos santos: Santa Terezinha, Santo Antonio, São Jorge, Nossa Senhora Aparecida e, claro, Nossa Senhora Salette. Os camelôs instalam-se como podem e, um dos lugares mais cobiçados é a via de acesso ao Santuário de Salette, incluindo aí o pátio da Igreja Evangélica (IECLB).



**Parque de diversão para as crianças.
Foto: Adriana Weege**

Chamou-me atenção um grupo de jovens com camisetas iguais, confeccionadas para o evento com os dizeres: “O que são 45 km para quem tem fé?”.

Causou admiração entre os participantes e rendeu comentários do bispo certo romeiro que trazia um cartaz com os dizeres: “Venho 41 anos à Romaria da Salete e não estou cansado”, pelas cores e pelos dizeres, sentimentos de pertença são testemunhados e afirmados na romaria.



Foto: Adriana Weege

4.2.2 O segundo dom do corpo: O Tato

O cume da romaria é o toque¹³³. A identificação sensorial, com a imagem da divindade parece ser mais um rito dentro da romaria. Essa identificação sensorial-corporal do/a devoto/a com o santo se dá através do beijo, no empreender romarias, no abraçar, tocar as imagens¹³⁴. A sacralidade é entendida por Rodrigues¹³⁵, não como estando centrada no objeto, mas na atitude, na relação estabelecida.

A manifestação do sagrado se dá nesses espaços de romaria através da réplica do corpo de uma divindade vítima de sacrifício¹³⁶ ou de profundo sofrimento, como no caso, o sofrimento de Maria em relação aos pecados da humanidade que

¹³³ SANCHIS, 2006, p. 91.

¹³⁴ PEREIRA, 2003, p. 94.

¹³⁵ RODRIGUES, 1986, p. 28.

¹³⁶ PEREIRA, 2003, p. 89.

se esqueceu dos favores de Deus e que, por isso, chora¹³⁷. Como resultado dessa doação e preocupação de Maria, os/as romeiros/as aos tocarem a sua imagem, se emocionam.

Essa relação traz em si um paradoxo da imanência e da transcendência. Imanência, posto que o percebido não poderia ser estranho àquele que percebe, o objeto tocado é de certo modo conhecido; transcendência, posto que comporta sempre um além do que está imediatamente dado, pois aponta para além da visão simples do objeto¹³⁸.



Homem ajoelhado diante da imagem do “vidente” pôs a mão atrás da cabeça e estava como que “benzendo” uma dor. Foto: Adriana Weege

As imagens de Maria não são as únicas a serem reverenciadas, também as imagens dos videntes recebem saudação. Pude testemunhar que a imagem da Melanie, a menina pastorinha que foi vidente da aparição de Maria em Salette, foi saudada, por uma senhora, com gestos característicos aos cultos afro-brasileiros.

Diante da afirmação acima, vê-se que um santuário numa romaria abre um espaço de liberdade que os/as romeiros/as não encontram nos seus locais de origem, permitindo gestos de fé e contato com o sagrado fora do controle oficial¹³⁹.

¹³⁷ Lembrando as falas de Maria em La Salette e de uma senhora que comenta “Ela chora porque o povo tem muito pecado. Ela ajuda Jesus a carregar a cruz”.

¹³⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice **O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas**. Campinas: Papirus, 1989. p. 48.

¹³⁹ STEIL, 1996, p. 107.

Nesse sentido, conforme Steil¹⁴⁰, “a romaria traz contato com símbolos e sentidos que sustentam a cultura da imersão”, isto é, é preciso levar em conta que ritos cúlticos afro-brasileiros estão imersos na cultura brasileira.

Daí que eventualmente, pode-se perceber quando ao longo da romaria são realizados rituais menores à margem e concomitantemente aos ritos oficiais, como, por exemplo, a saudação caracterizada com a religiosidade afro.

No *Fac-Símile* encontram-se treze “estações”, pedras com imagens em azulejo, em que as pessoas se ajoelham e rezam até chegar à estátua de Maria em pé com os videntes, no ponto mais alto do *Fac-Símile*, num processo progressivo de ascensão.

No altar-mor do templo do santuário, junto ao altar principal encontra-se uma grande ametista que as pessoas depois de tomarem sua benção iam até lá, formando uma grande fila, para tocá-la, dentro desta ametista está o sacrário, local onde é depositada a hóstia consagrada. O sacro, neste caso, a hóstia consagrada não é um objeto de visão, embora percebida pelas imagens da retina, mas é um objeto de pensamento¹⁴¹: Sabe-se que um objeto sagrado está dentro da ametista e para entrar em contato com essa imagem de pensamento, toca-se o invólucro.

Ao final da romaria, no domingo, a benção final é proferida a partir do “Cristo Eucarístico” no ostensório, receptáculo em forma de cruz com um espaço no centro onde está colocada uma hóstia de tamanho maior que a convencional, que vem do templo em procissão até o altar campal. Aqui passo ao próximo ponto: a audição.

¹⁴⁰ STEIL, 1996, p. 113.

¹⁴¹ MERLEAU-PONTY, 1990, p. 26.

4.2.3 O terceiro dom do Corpo: a Audição

Durante a pregação da missa na Igreja Matriz São João Batista, em 2007, houve certo apelo emotivo, lembrando do choro de Maria em Salette, chamando os ouvintes a retomar aspectos éticos-morais na relação com o mundo e em família, destacando a solidariedade, pois é por causa da solidariedade que Maria chora como nós. Durante o recolhimento de ofertas, percebi o uso do termo “oferenda” ao invés de oferta ou coleta. O termo foi usado mais uma vez ao descrever que se oferecesse uma “oferenda pela intercessão de Maria pelos pecadores”, uma fala que talvez pudesse ser entendida como relação meritória, a graça mariana a partir de uma oferenda.

Durante a procissão são rezadas diversas vezes o Pai Nosso e a Ave Maria, são recitadas falas de Maria em Salette e são cantados hinos. O dirigente repete algumas vezes as seguintes frases: “A imagem milagrosa de Maria”; “ Aqui na montanha sagrada, local de reconciliação”. Todos os momentos desse referida procissão são transmitidos pelos alto-falantes e pela Rádio Salette AM.

A missa campal da manhã de domingo, em 2007, contou com a presença da banda marcial do Instituto de Educação Marcelino Ramos, o maior colégio da cidade. A banda guiou uma procissão, saindo do lado do templo, conduzindo a Bíblia, até o altar campal, através de uma coreografia com um ritmo empolgante, lembrando um pouco o ritmo baiano conhecido como “Axé”. O grupo de pessoas que faziam parte da coreografia, também carregava bandeiras coloridas trazendo em cada uma delas uma palavra diferente: 1ª leitura, 2ª leitura, Salmo, Evangelho e Liturgia da Palavra. A cada leitura bíblica, realizada no altar campal, um jovem dava um passo à frente com a bandeira da respectiva leitura. Após a leitura da carta de Paulo a Timóteo capítulo dois versículos um até nove, em que Jesus é apresentado

como único mediador entre os seres humanos e Deus, o padre comentarista enfatiza o papel que Maria exerce como nossa intercessora no céu.

Na romaria de 2006, percebi que muitas pessoas se encontram em uma fila a fim de receber a bênção dos padres, também levam imagens, escapulários e terços para serem bentos pelo sacerdote. Esse momento na verdade, tato e audição andam par a par. Alguns sacerdotes pronunciam bênçãos com fórmulas mais extensas, impondo as mãos na cabeça dos/as devotos/as, porém um sacerdote em especial encostava a sua testa junto à testa do romeiro ou da romeira ao mesmo tempo em que impunha as mãos na cabeça do romeiro ou da romeira e pronunciava a bênção.



Comércio ambulante de imagens
Foto: Adriana Weege

Dentro dos rituais de festa, de consumo, ouve-se a todo instante os chamados dos vendedores, especialmente nas vias de acesso ao santuário, oferecendo promoções “imperdíveis”: “Dez santinhas de Nossa Senhora por R\$

1,00!"; "Tercinho por R\$ 1,00!", numa constante concorrência entre as vozes com os alto-falantes.

4.2.4 O quarto dom do Corpo: O Olfato

No santuário muitas flores são depositadas junto às imagens do *Fac-Símile*, em especial junto à imagem de Maria chorando. A fragrância dessas flores confunde-se à fragrância do incenso espalhado pelo turíbulo durante a missa e o odor de velas derretidas, também muito próxima a esta imagem, pois as pessoas insistem em acender velas nesse espaço, ignorando o pedido de acendê-las exclusivamente no "santuário de luz", espaço específico para tal gesto.

No espaço do santuário de Salette também são vendidos víveres para alimentar os/as romeiros/as. Assim, o cheiro de comida, café fresquinho e churrasco misturam-se aos odores e fragrâncias de diversos perfumes e suores dos/as romeiros/as.

Os odores da romaria permanecem ainda na cidade ao longo da segunda-feira. Durante o dia, aos poucos, a cidade vai retomando o ritmo calmo, mas pela manhã os vestígios da romaria, pelo menos da parte festiva da romaria, são perceptíveis através do lixo espalhado, imagens de santos quebrados, cascas de melancia e o forte odor de bebidas alcoólicas e urina.

Em nosso sistema de percepção corporal, os sentidos, é através do olfato que percebemos os odores e fragrâncias e é ele que nos permite vivenciar o paladar. Em outras palavras, é pelo "cheiro de sagrado", ou seja, pelo "cheiro de romaria", que se pode sentir, viver e sentir o "gosto da romaria", "o sabor" que remete à idéia de "santo", isto é, o que é separado do cotidiano.

4.2.5 O quinto dom do Corpo: O Paladar

O *Fac-Símile*, a cena recriada dos “acontecimentos de Salette”, está construído ao lado de uma fonte de água, uma vez que a aparição de Salette aconteceu à beira de um riacho sazonal. Mesmo sob sol escaldante, as pessoas enfrentam enormes filas para receber um pouco da água da fonte do *Fac-Símile*. No final de semana de romaria, a fonte é cercada, coberta por uma lona e administrada pelo grupo de escoteiros vindos de Erechim, que a serve e distribui.



Fonte de água no *Fac-Símile*, sob a lona.
Foto: Adriana Weege

Águas perpassam diversos conjuntos e formas religiosas, elas, conforme Eliade¹⁴², “conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas lavam os pecados, purificam e, ao mesmo tempo, regeneram”. A água lava, então, ela nos toca. Mas a principal utilização da água é matar a sede, é hidratar. Embora a água seja inodora, insípida e incolor, ela tem uma sensação característica de frescor e “sabor”. A água da fonte, em sua proximidade às “imagens sagradas” talvez seja

¹⁴² ELIADE, 1986, p. 107.

entendida pelas pessoas que formam as longas filas a fim recebê-la como mais uma forma de “encostar” no sagrado, de receber o divino dentro do próprio corpo, ou ainda, atribuindo-lhe o fator curativo.

Para os sabores da festa, existem muitas barracas que comercializam exclusivamente comidas e bebidas, em especial bebidas alcoólicas, como, por exemplo, o *cocktail* conhecido como “capeta”. Na virada da noite de sábado para o dia de domingo, as barracas ficam abertas até altas horas da madrugada, mas no último dia a circulação é intensa somente até escurecer, quando é hora de pessoas do interior retirarem-se para as lidas com os animais. Somente essas barracas de bebidas e comidas permanecem abertas até mais tarde, em torno de 22 horas.



Barracas de consumo alimentício
Foto: Adriana Weege

A Romaria de Salette é formada por diversos momentos. O caráter sacro e o caráter festivo nas peregrinações e romarias estão configurados num mesmo espaço, numa relação de co-dependência e ambigüidade, pois são símbolos de conversão, penitência e, ao mesmo tempo, de festa e reconciliação oração,

confissão, festa, bênçãos, encenações, e, através das falas a moral cristã-católica é reforçada, conforme Steil: “os rituais atualizam a mitologia que detalha a origem do culto e santificam as normas que orientam a ação dos devotos”¹⁴³. Ao mesmo tempo em que os/as devotos/as procuram pelo espaço/tempo sagrado, afirmam a sua assimetria de vida em relação à santa ao participarem da festa profana¹⁴⁴. E essa percepção de tempo/espaço se dá através do corpo.

De forma especial no Brasil, corpo, o nosso agente viajante é foco fundamental das relações¹⁴⁵, não só na relação dos corpos reais, como entre os corpos reais e os corpos representativos do sagrado. O corpo é espaço para a ação do sagrado, através da cura, do sentimento de proteção e bênção, alegria, prazer, sentimento de pertença e solidariedade despertados na Romaria.

O relacionamento com o sagrado dentro da Romaria saletina, de acordo com as observações levantadas se dá de forma muito especial pelos sentidos. Através dos sentidos são vivenciados aspectos do culto, são apreendidos valores, aprendidos desempenhos. Retomo aqui traços do diário de campo e compreensões de corporalidade de Merleau-Ponty. A visão e o tato demonstram que a visão pode ser educada e educadora, ela permite que se tenha a idéia do sagrado através da réplica do evento sagrado e, assim, ser tocada. A visão e toque associadas podem desenvolver uma compreensão de continuidade entre o sagrado virtual e o real necessitado, lembrando do homem que se benze diante da representação do vidente de Salette. O virtual que os olhos assimilam, as mãos tornam reais.

A audição permite que os corpos se sintonizem e recebam as palavras “missionárias”, pois há “afinação” através de gestos e sons, há a afinação audível, por exemplo, entre o ritmo empolgante do “Axé” e o ritmo cardíaco do/a ouvinte.

¹⁴³ STEIL, 1996, p. 113.

¹⁴⁴ MENEZES, 2000, p. 322.

¹⁴⁵ DA MATTA, 1987, p. 83.

Olfato e paladar relacionam-se em co-dependência, e os agentes viajantes, alimentam-se, hidratam-se, recebem a água, imagem de purificação, dentro do corpo. Disso podemos deduzir que mesmo um corpo doente é estimulado, mesmo que haja a privação de um dos sentidos, as possibilidades de relação continuam existindo, pois outros sentidos recebem a mensagem de Salette.

A ICAR “modifica-se” pela interação entre os corpos que assimila, ela muda, conquista, aglomera através dos elementos trazidos pelo povo, pelos corpos individuais e corpo social, ela mantém o seu *status* através da **Incorporação** deste Grande Corpo social que é a Igreja¹⁴⁶. A ICAR continua a ter influência e importância na vida das pessoas por causa dessa sua arte de **incorporação**, que não entra em choque com as convicções de fé “populares”, ou seja, as convicções “não oficiais”. A esse respeito e a partir do histórico e participações na Romaria Saletina, traço no próximo capítulo algumas possibilidades de compreensões teológicas práticas na vida de romeiros/as e ICAR, ou seja, através de velhas e novas coordenadas a ICAR continua a promover as viagens.

¹⁴⁶ FERNANDES, 1982, p. 111.

CAPÍTULO V - ROMARIA: VELHAS COORDENADAS PARA NOVAS VIAGENS

*Creio na ressurreição do corpo...
Corpo para sempre; face do Espírito.
Corpo com sede, corpo doente, corpo migrante, corpo com fome [...]
Corpo: santuário, altar, hóstia, Santo dos santos...*

Rubem Alves¹⁴⁷

Por diversos motivos as pessoas procuram participar de uma romaria: por votos, em favor de alguém, crenças em milagres, graças alcançadas. A idéia de Romaria, aparentemente, traz em si uma gama de significados como o “sacramento”, penitência e festa. Nela o sacro pode ser reconhecido através da beleza, do show e do consumo.

De acordo com reflexões promovidas na ICAR, já mencionadas, as romarias devem ser entendidas como celebrações legítimas do Sacramento da Reconciliação. Nesse “sacramento da romaria” tudo se vive simbolicamente desde os ritos de preparação e partida, que se caracterizam pelo aspecto penitencial, como também nos pedidos de perdão e propostas de transformação de vida. Romaria é romaria porque é peregrinação no mundo. No presente capítulo nosso exercício cartográfico chega ao seu final. A partir das coordenadas, da contemplação, do foco no agente viajante e dos registros dessa viagem exploratória, surge o mapa completo do

¹⁴⁷ ALVES, Rubem. **Creio na ressurreição do corpo**. 5.ed., São Paulo: Paulus, 1984. p. 49.

destino e do que se encontra nele. Neste quinto capítulo os agentes viajantes poderão entender melhor o terreno geográfico (a parte de fora) e o terreno virtual (a parte de dentro). Chegou-se ao objetivo final da viagem, agora é hora de voltar e divulgar as impressões e as mudanças do agente viajante. Quais são as novidades que o viajante trará?

5.1 ROMARIA: Peregrinação no mundo

Romaria é uma viagem, algo que se dá como um ato de performance. Para católicos a romaria é geográfica, ritual, enquanto para protestantes é uma forma de viver¹⁴⁸, uma forma de encarar a vida, nos seus valores de trabalho e relacionamento.

Neste sentido, lembro que as romarias e peregrinações podem ter seu embasamento bíblico a partir da maldição de Caim que deveria como castigo pelo seu crime andar errante sobre a terra (Gênesis 4) ou ainda a estada do povo hebreu durante quarenta anos no deserto em busca da terra prometida (Êxodo 14-40).

Romaria, a partir do século VI, começa a ser considerada parte do sacramento da reconciliação por influência de monges irlandeses. Desde então, os penitenciais prescrevem a peregrinação para certos tipos de pecado¹⁴⁹. Conforme o teólogo e padre Francisco¹⁵⁰, a partir do século XIII até o século XV, foram consideradas celebrações “sacramentais (no sentido estrito) da penitência”.

Nas Romarias, de acordo com Francisco,

¹⁴⁸ FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do Bom Jesus**: Uma introdução às religiões populares. Editora Brasiliense, 1982. p. 108.

¹⁴⁹ FRANCISCO, 1999, p. 34.

¹⁵⁰ FRANCISCO, 1999, p. 33.

[...] conjuram-se os pecados estruturais, pede-se perdão, busca-se reconciliação, expressa-se solidariedade para com os que estão sendo injustiçados, e se **festeja** [grifo meu] por alguma vitória já alcançada, sempre como antecipação imperfeita da reconciliação e libertação no Reino¹⁵¹.

Não obstante, além do caráter sacro, também se encontra presente o caráter festivo nas peregrinações e romarias em que estabelecem uma relação de co-dependência e ambigüidade, pois são símbolos de conversão, penitência e, ao mesmo tempo, de festa e reconciliação.

A Romaria oferece uma distância entre o sagrado, situado num ponto geográfico santificado e os/as romeiros/as ou peregrinos/as que têm por objetivo “ressantificar”¹⁵² sua vida, ou seja, entrar em contato com o sagrado, por intermédio da peregrinação, cumprindo distâncias e formas de transporte diferentes para isso. Steil em sua observação da Romaria de Bom Jesus da Lapa lembra que para Turner “os santuários são como imãs culturais que atraem símbolos de muitas espécies, verbais e não verbais polissêmicos e multivocais, com os quais os peregrinos tentam compreender seu contexto social”¹⁵³. Ser romeiro/a é um ato de fé, e é uma forma de demonstrar publicamente qual é e como vive a sua fé¹⁵⁴.

5.2 A ROMARIA DE NOSSA SENHORA DE SALETTE E AS OUTRAS ROMARIAS

No contexto brasileiro existem diversas romarias, como, por exemplo, as já citadas anteriormente, a romaria de Bom Jesus da Lapa, romaria de Bom Jesus do Pirapora ou, ainda, a romaria de Nossa Senhora da Penha. Essas romarias trazem

¹⁵¹ FRANCISCO, 1999, p. 33.

¹⁵² GALINDO, Daniel dos Santos; TONDATO, Márcia Perencin. Magic Park Aparecida: o profano e o sagrado mediados pela cultura do lazer. **Comunicação e sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, n. 34, 2. sem./2000. p. 165.

¹⁵³ STEIL, 1996, p.110.

¹⁵⁴ AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**: Aspectos Históricos. Vozes, 1978. p. 80.

em comum a sua origem na devoção popular e sua existência antiga em contexto nacional. A seguir pretendo traçar similaridades ou contrariedades entre a viagem-romaria de Salette em Marcelino Ramos e as demais viagens-romarias.

5.2.1 A romaria-viagem saletina e as demais romarias-viagem: Os caminhos dessas viagens

A Romaria de Nossa Senhora de Salette, ao contrário de outras no Brasil, surge a partir do interesse e promoção dos padres missionários saletinos. As demais romarias brasileiras surgem de uma aparição de imagem ou do próprio santo, como no caso de Aparecida do Norte, e a partir da devoção popular, que ergue capelas e santuários. Além disso, o evento denominado Romaria de Salette acontece no mês de setembro exclusivamente, sendo que ocorrem eventuais visitas de excursões, na maioria das vezes compostas de turistas. Apenas recentemente, a partir do ano de 2004, é que são celebradas missas mensais no dia dezoito, em honra à aparição de Maria em Salette¹⁵⁵. Em centros como Aparecida do Norte, Bom Jesus da Lapa ou Bom Jesus da Pirapora a romaria acontece durante todo ano, com ênfases em períodos, os dias da “festa do santo”.

Nos locais de romaria é comum encontrar a “sala dos milagres”, onde estão expostos quadros, fotos, muletas, cruces, tufo de cabelo, etc. Ou seja, os ex-votos entregues aos santos. Uma “exposição”, que, por vezes, pode parecer até mesmo tétrica de imagens representando as graças alcançadas, pelas curas das pernas, braços e assim por diante.

¹⁵⁵ ISOTON; ISOTON, 2005, p. 84.

A “sala dos milagres”, existentes em muitos centros de peregrinação do Brasil, é um “termômetro” da eficiência do santo e da devoção¹⁵⁶. Quanto mais cheia e renovada de ex-votos for a sala, mais alimentada é a fé devocional dos/as romeiros/as. Em Marcelino Ramos, no Santuário de Nossa Senhora da Salette, não existe tal “sala dos milagres”.

Enquanto outros centros de peregrinação no Brasil têm uma origem ligada às lendas e aparições, bem como na fidelidade de peregrinos que idealizam santuários e basílicas, o santuário de Nossa Senhora de Salette foi projetado e preconizado a partir de missionários saletinos, isto é, a partir da instituição. Esta diferenciação de origem está intimamente ligada ao momento histórico em que o Brasil passava no final do século XIX e princípio do século XX, isto é, a deposição do regime monárquico e o início da República.

Assim, lembremos que, com o final da monarquia tem fim também o Regime do Padroado Régio, em que o líder principal da igreja é o imperador e igreja e estado são completamente unidos. Extinta a monarquia, a Igreja enfrenta um momento em que vivencia uma crise e uma oportunidade, isto é, se por um lado se vê abandonada pelo estado a partir da separação deste, deixando de receber subvenções, evidenciando sua dependência da Santa Sé, por outro, também está livre para introduzir reformas. Durante o século XIX o aparelho eclesiástico havia sido enfraquecido, favorecendo o, assim o chamado, “catolicismo popular”, dirigido e mantido por rezadores, beatos/as, uma vez que havia um número reduzido de paróquias e padres a serviço da população¹⁵⁷.

Para o clero essa forma popular de viver o catolicismo era uma negação do catolicismo romano advindo do Concílio Vaticano I. Essa forma negativa de encarar

¹⁵⁶ PEREIRA, 2003, p. 69.

¹⁵⁷ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 277.

a religião “popular” foi agravada pelos movimentos messiânicos, encarados como “fanatismo religioso” advindo da “ignorância” das verdades de fé e devia ser combatido com um trabalho massivo de doutrinação¹⁵⁸.

A partir dessa situação, inicia-se no Brasil o processo de reforma conhecido por Romanização, pois é uma ação reformadora a partir do episcopado, padres e congregações a fim de moldar o catolicismo brasileiro de acordo com o modelo eclesiástico romano. Os traços principais dessa nova forma católica estão na espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e obediência às autoridades eclesiásticas¹⁵⁹. Para fortalecer as suas estruturas no Brasil, a ICAR promove a multiplicação das dioceses, reformas das ordens religiosas e a vinda de novas ordens provenientes da Europa.

A vinda de ordens se deve ao fato de existirem novas áreas de colonização formadas por imigrantes europeus, oportunizando um aproveitamento desses imigrantes (italianos, poloneses e alemães) para a difusão do catolicismo romanizado, com uma forma de educação marcadamente dentro dos ditames do catolicismo reformado do Concílio Vaticano I¹⁶⁰.

As autoridades eclesiásticas desestimularam confrarias, irmandades e ordens terceiras que estavam sob domínio leigo e fundaram outras sob regência dos padres; trouxeram novos santos para devoção, como o Sagrado Coração de Jesus, São José e em especial as devoções marianas.

Ainda nesta direção temos que os missionários europeus ao estabelecerem escolas investiram na formação da sociedade a partir da educação. Existiam orientações precisas de incentivar os religiosos na fundação de colégios católicos,

¹⁵⁸ OLIVEIRA, 1985, p. 278.

¹⁵⁹ OLIVEIRA, 1985, p. 284.

¹⁶⁰ FERNANDES, Rubem César. **Romarias da paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 11.

sobretudo em cidades onde havia escolas protestantes¹⁶¹, sendo que o município de Marcelino Ramos encaixa-se perfeitamente nesse perfil. Lembremos que, neste período, o município já contava com escolas protestantes de cunho luterano, tendo presença dos dois sínodos existentes no Brasil, o Sínodo Riograndense, que mais tarde deu origem à IECLB, e a jovem IELB, filiada ao norte-americano Sínodo de Missouri.

Além dessa presença luterana, Marcelino Ramos também esteve muito próximo aos embates do Movimento do Contestado, o movimento considerado “fanático” pela Igreja Católica, portanto, preenchia requisitos para o estabelecimento do projeto de romanização da Igreja. Ali, o catolicismo romanizado foi promovido pela congregação dos missionários saletinos, umas das tantas ordens vindas da Europa no período da primeira República¹⁶².

Com isto, temos que o movimento de romanização além de entregar santuários e centros de peregrinação tradicionais brasileiros às ordens européias¹⁶³, cria também novas romarias. Essas romarias são introduzidas de forma coletiva pelo Episcopado brasileiro a partir de documento de seis de janeiro de 1900, oficializando a política da promoção de romarias, com a participação de bispos¹⁶⁴.

A devoção mariana-saletina é, então, trazida para Marcelino Ramos e incentivada pela ICAR, dentro do projeto de catolicismo reformatório, estando aí a suas possíveis origens da diferenciação das demais romarias brasileiras, muito mais antigas, de origem popular e lusitana. As romarias de origem lusitana se convergem em esferas sagradas e profanas, sendo que a romaria incluía não apenas a visita à imagem do santo e o cumprimento das promessas, como também a convivência

¹⁶¹ FERNANDES, 1994, p. 14.

¹⁶² FERNANDES, 1994, p. 67.

¹⁶³ FERNANDES, 1994, p. 99.

¹⁶⁴ FERNANDES, 1994, p. 106.

social, as festas e danças do arraial, as comidas e as bebidas¹⁶⁵.

Poderíamos decorrer daí que a romaria criada, almejada pela instituição, no caso a Igreja Católica, é comedida, ou ainda, mais cuidadosa em relação à exposição da devoção popular.

5.3 TOMANDO FÔLEGO PARA CONTINUAR A VIAGEM

Mesmo que romaria “institucional” seja mais restritiva quanto às festividades, elas ainda assim fazem parte desta. Assim, temos como dimensão significativa da festa/romaria seu caráter de “feira”, isto é, um espaço de compra e venda de diversos objetos, em que existem muitas opções de brincadeiras e jogos. As missas, as rezas e a comensalidade, contribuem para o movimento constante de público diverso,romeiros/as, devotos/as da cidade e pessoas que vêm para a festa a fim de diversão e comércio¹⁶⁶.

Além disso, uma outra estrutura constantemente presente numa romaria é a estrutura política, aquela que tende a organizar a repartição ordenada do poder. Estrutura direta e indiretamente atuante em qualquer peregrinação¹⁶⁷. Na romaria de Salette em Marcelino Ramos, temos dois aspectos predominantemente pertencentes à estrutura política.

O primeiro aspecto é localizado na comensalidade e comércio, difundidos e organizados pelos moradores e governo municipal, com o objetivo de uma possibilidade a mais de ganho financeiro, uma vez que a cidade padece de grave crise financeira e esvaziamento de habitantes jovens. A segunda face dessa estrutura política manifesta-se na ativação da auto-estima dos/as moradores/as.

¹⁶⁵ MENEZES, 2000, p. 314.

¹⁶⁶ MENEZES, 2000, p. 316.

¹⁶⁷ SANCHIS, 2006, p. 92.

Durante os dias de romaria a cidade tem um aumento de circulação de pessoas, é um momento de rememoração do período áureo¹⁶⁸ vivenciado pelo município na era ferroviária. Essa movimentação de pessoas pode ser comparada a um “suspiro de alívio” em meio ao “afogamento”, ou seja, a crise econômica e social enfrentada pela cidade. Portanto, esse momento de romaria, evoca sentimentos de esperança naqueles que viram muitos habitantes migrarem, o Estreito Augusto César deixar de existir, o rio Uruguai parar de correr e diversas propriedades rurais sumirem sob a inundação¹⁶⁹ advinda da inauguração da Usina Hidrelétrica de Itá¹⁷⁰.

Diante dessa dimensão social, portanto política, de “despertamento” da população, talvez esteja a explicação da participação de voluntários na romaria, advindos de outras confissões religiosas. Além de ter certo “ecumenismo popular”¹⁷¹, em que existe colaboração com os vizinhos e irmãos católicos, temos também um momento de engajamento e superação de divisões confessionais e, possivelmente, político-partidárias em favor de um bem comum: Marcelino Ramos. Utilizando termos teológicos, ocorre um “*kairós*”¹⁷² no sentido do grego clássico¹⁷³ em que este tempo é uma dádiva dos deuses, um tempo em que os seres humanos podem tirar proveito. O “*kairós*” da Romaria é a irrupção de uma época passada no tempo presente, dentro do período do “*chronos*”¹⁷⁴, o tempo que flui em que é possível a medição.

¹⁶⁸ Nesse período áureo o município de Marcelino Ramos ditava moda, era considerado ponto de encontro, as mulheres de municípios vizinhos ao irem para lá, iam antes aos salões de beleza, a fim de estarem com aparência de acordo com o “*glamour*” presente no espírito da época. Vide livro: ISOTON; ISOTON, 2005, p. 127.

¹⁶⁹ ISOTON; ISOTON, 2005, p. 30.

¹⁷⁰ ISOTON; ISOTON, 2005, p. 22.

¹⁷¹ FERNANDES, 1994, p. 224.

¹⁷² GINGRICH, F. Wilbur Frederick; DANKER, W. **Léxico do Novo Testamento Grego/ Português**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1991. p. 106.

¹⁷³ STANCATI, T. Verbetes: Kairós. In: NETTO, João Paixão; MACHADO, Alda da Anunciação (Trad.). **Lexicon Dicionário Teológico Enciclopédico**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 427.

¹⁷⁴ GINGRICH; DANKER, 1991, p. 224.

5.4 AS MUDANÇAS DO CORPO - VIAJANTE

Deslocamentos, expedições, migrações, viagens, são características dos seres relacionais, seres humanos. Dentro desse espaço trago algumas conseqüências aos/as que se propõem o deslocamento à viagem-romaria saletina. Quem sai em viagem não volta o mesmo/a, vê, mostra e testemunha. Nesse sentido dentro do ponto cinco trago as teologias da instituição, ou “oficial”, e as teologias dos/as viajantes, dos/as agentes corpos, a “popular”.

Teologia, ao contrário do que uma grande maioria pode pensar, não é algo apenas reservada a um clero. Teologia também acontece entre o povo e acontece quando a fé provoca na pessoa crente a necessidade de articulação a respeito dessa fé, quando se tenta tornar essa fé inteligível a si mesmo e a outrem.

Temos assim, de um lado, a teologia oficial, com sua dogmática complexa desenvolvida ao longo de séculos de reflexão e discussão do clero, a elite pensante representada por padres, pastores/as, teólogos/as e filósofos/as, apresentada pela catequese e pelos ritos da instituição oficial, no caso, a ICAR. Ao lado dessa “teologia oficial”, temos a não menos significativa, ao contrário, “teologia popular”, aquela teologia de artigos simples e de fácil assimilação, permitindo sempre certa dilatação nas compreensões, fazendo uma “bricolagem” com as diversas tradições culturais formadoras de si.

5.4.1 O lugar de Maria: a rocha do relevo, na teologia

Maria é conhecida em uma diversa variedade de nomenclaturas. São títulos toponímicos (Nossa Senhora da Penha), gloriosos (Nossa Senhora da Assunção,

Consolação, Imaculada Conceição) e os históricos. Das nomeações históricas somam-se 156 e remetem à acontecimentos, aparições e lendas. Destes 156 títulos, 53, ou seja, um terço, ocorrem na França, seguido, principalmente por Portugal e Espanha. Outras denominações provêm de Itália, México, Brasil, entre outros¹⁷⁵. A devoção mariana é “globalizada”, está presente em grande parte do mundo.

Maria, mãe de Jesus, comumente associada às virtudes como tolerância e humildade, tem o seu espaço também fora do catolicismo romano. Para os cristãos/ãs ortodoxos/as, Maria é “*Theotokos*”, a mãe de Deus. Para pentecostais e protestantes, ela não tem lugar de intercessora ou mediadora, uma vez que as Escrituras não testemunham isto, mas sim ela é um modelo de fé, uma testemunha fiel. Junto ao Espiritismo goza do status de “espírito superior”. No Islamismo, Maria é a única mulher a ter o nome citado no Corão e a ter sua biografia contada, pois ela é considerada modelo de mulher, considerada desta forma, inclusive, pelo profeta Muhammad. Nas religiões afro-brasileiras, Maria é muitas vezes associada à Iemanjá, a “Mãe de todos os Orixás”¹⁷⁶.

A relação do/a fiel com Maria, isto é, a hiperdulia, é um modelo de veneração e o louvor como se fosse o louvor devido a Deus, em que, este, encontra respaldo para sua prática nos fenômenos denominados de “aparições”. As aparições de Maria são avaliadas pela ICAR segundo rígidos critérios, três intrínsecos e dois extrínsecos¹⁷⁷.

Intrínsecos:

a) Conformidade do conteúdo da mensagem com o dogma e a doutrina do

Magistério da Igreja;

¹⁷⁵ Conforme afirma a pesquisadora Edésia Aducci, vide livro: ADUCCI, Edésia. **Maria e seus títulos gloriosos**. São Paulo: Loyola, 1998.

¹⁷⁶ MOTONURA, Marina. Maria, a face feminina de Deus. **Revista das religiões**. São Paulo: Abril, n.9, mai. 2004. p. 34.

¹⁷⁷ OLIVEIRA, 1996, p. 596.

b) A pessoa do/a(s) vidente(s): Ausência de fraude, sanidade física e mental, virtudes na conduta da vida;

c) Os fatos, quanto ao seu conteúdo e circunstâncias: Indicam caráter sobrenatural de ação divina?

Extrínsecos:

a) Se da aparição seguem efeitos espirituais benéficos, tende a concluir-se que a causa originalmente pode ser divina de acordo com a palavra de Cristo “pelos frutos se conhece a árvore” (Evangelho de Mateus, capítulo sete, versículo quinze);

b) O milagre comprobatório.

As aparições de Maria causam, assim, muitas controvérsias até mesmo entre católicos. De acordo com Ziller as “aparições de Nossa Senhora não acrescentam verdades novas, nem substituem ou desautorizam o magistério da Igreja”¹⁷⁸ ou, ainda:

Não havendo erros doutrinários, nem defeito moral, e havendo benefícios espirituais, a Igreja pode silenciar, permitindo que as coisas ocorram. Naturalmente havendo censura, o silêncio pode significar um certo abono por parte da hierarquia, ou, então favorece o culto prestado a Nossa Senhora como é prestado nos lugares das ditas aparições¹⁷⁹.

De acordo com o Concílio Vaticano II, explicitamente diz-se que o Romano Pontífice e os demais pastores “não reconhecem nenhuma revelação pública como pertencente ao divino depósito da fé”¹⁸⁰. Assim, as aparições precisam ter como caráter principal a lembrança de aspectos da fé que, muitas vezes, é relegada para fora do primeiro plano¹⁸¹.

¹⁷⁸ ZILLER, Urbano. Aparições de Nossa Senhora ou criações subjetivas? **Revista Teo Comunicação**, Porto Alegre: PUCRS, vol. 27, n.117, set.1997. p. 396.

¹⁷⁹ ZILLER, 1997, p. 398.

¹⁸⁰ OLIVEIRA, 1996, p. 568.

¹⁸¹ OLIVEIRA, 1996, p. 569.

5.4.2 Discernindo os caminhos da romaria-viagem saletina: teologia oficial

Na romaria saletina temos algumas “teologias” expressas através dos corpos, pelas posturas, gestos, falas, tanto dos/as romeiros/ como dos dirigentes eclesiásticos. Destaco, a seguir, primeiramente alguns pontos percebidos da teologia oficial expressa nos ritos da romaria de Salette. A fim de metodologia e maior fluência do texto, independente de juízos de valor ou ordem importância, apresentarei os tópicos de forma numerada.

1) Valores romanos

Os valores do catolicismo romano se dão através da estruturação dos ritos da romaria de Salette, ocorre a reafirmação da hierarquia religiosa e social. Lembro dessa questão pela forma como são organizadas as procissões determinando quem é que vai à frente, quem são os anjos, quem pode carregar a cruz que conduz a procissão, bem como da constante reafirmação da fé católico-romana através de narrativas, hinos e orações. No caso da romaria da Salette, possível compreensão é que se impressa no corpo a hierarquia católico-romana, do seu domínio sobre as estruturas facilitadoras de acesso ao sagrado.

2) Autoridade

As autoridades religiosas exercem controle sobre grande parte dos gestos, no levantar e baixar de braços, acenos de mão, aplausos. As placas e faixas também afirmam a hierarquia em estamentos, pois é “da montanha que descem solidariedade e paz”, isto é, o “mundo de cima”, o alto do morro do santuário é o espaço sagrado que precisa ser procurado por todos aqueles que estão contaminados com o individualismo e discórdia do “mundo de baixo”, o espaço iminentemente ordinário e secular.

3) Mito fundante

Durante o ápice da romaria, o último final de semana de setembro, em duas oportunidades ocorre a encenação do “mito fundante” do culto, os “acontecimentos de Salette”, e em diversos momentos do mês ocorrem a recitação das falas de Maria na ocasião da aparição, numa tentativa de trazer à presença da comunidade a mensagem advinda da manifestação do sagrado. Contudo, essa recitação, mais as falas de dirigentes enfatizando o espaço do santuário como “montanha sagrada” nem sempre deixa claro que a aparição mariana ocorreu na França em *La Salette* e não em Marcelino Ramos¹⁸².

4) Catequese

Através de faixas espalhadas pela rota da procissão, das falas transmitidas pelos alto-falantes e programas radiofônicos, temos que alguns aspectos mariológicos são anunciados, ocorrendo, assim, a catequese massiva pelos meios de comunicação.

Todavia, dos aspectos mariológicos pronunciados durante a romaria, destaque, em especial, apenas três: **Maria mediadora da humanidade**, **Maria expressão de hierofania divina** e **Maria como delineadora de comportamento ético-moral-religioso**.

5.4.3 Maria mediadora

Maria como mediadora, como reconciliadora entre a humanidade e Deus, advém da constante recitação do discurso de Salette, em que ela diz que segura o braço de seu Filho disposto a castigar o povo infiel e escarnecedor da religião, e

¹⁸² Conforme exposto anteriormente no capítulo quarto, no diário de campo, em que um artesão não sabe que Maria é Nossa Senhora de Salette e uma moça não sabe quando a “santa apareceu ali”.

também através de frases como Maria de Salette “reconciliadora dos pecados”, “Maria chora como nós”, “Aqui é a montanha sagrada, local de reconciliação”¹⁸³. Maria media os pedidos de cura, de bênçãos e de perdão, pois o castigo que o Filho quer empreender é ao ser humano pecador.

Pecado é um fenômeno multifacetado, com muitas asserções. Pecado é um termo religioso, é experiência humana, com conseqüências na vida humana, nos relacionamentos tanto entre humanos como destes com o meio em que vivem e uma das suas prerrogativas é gerar culpa, frustração, desânimo, neuroses, doenças, mal-estar social. O pecado afasta a pessoa de Deus e de outras pessoas, e, de acordo com Brakemeier¹⁸⁴, manifesta-se no desamor e a essência do Evangelho é o perdão dos pecados, o estabelecimento da paz com Deus, a reconciliação (Segunda Carta de Paulo aos Coríntios 2.5 e seguintes; Evangelho de Marcos 2.5 e seguintes; Carta de Paulo aos Romanos 5.1).

Maria é a grande mediadora, reconciliadora por ser uma mãe que “dá um jeitinho” junto ao seu filho. Uma mãe, que como as mães, procura reconciliar os filhos entre si e os filhos com o pai, um “triângulo familiar pai, mãe, filhos fundamenta o conjunto da simbolização, gerando associações a um tempo conceituais, sensíveis e afetivas”¹⁸⁵. A soberania de Maria está, então, associada justamente à sua maternidade¹⁸⁶, de forma que se por um lado a paixão de Cristo em favor da humanidade dá sentido às crises cotidianas, a presença de Maria restaura uma continuidade protetora ao longo das crises que consomem esse dia a dia, isto é, Maria não sofreu martírio, antes, consola os martirizados¹⁸⁷.

¹⁸³ Conforme registrado em diário de campo apresentado em capítulo anterior.

¹⁸⁴ BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002. p. 65.

¹⁸⁵ FERNANDES, 1994, p. 26.

¹⁸⁶ FERNANDES, 1994 p. 113.

¹⁸⁷ FERNANDES, 1994, p. 41.

De acordo com matéria da revista **Isto É**¹⁸⁸, do dia 19 de dezembro de 2007, sob o título “Os mistérios de Maria”, Maria tem um papel dentro do projeto salvífico de Jesus. Diferentemente do testemunho bíblico¹⁸⁹, em que aparentemente Maria não tem relação muito afetiva com Jesus, inclusive vivendo momentos de forte tensão, na versão dos chamados livros apócrifos, Maria é grande incentivadora do ministério de Jesus e a intercessora em favor da humanidade. Posição defendida, de acordo com a reportagem, por diversos teólogos e bispos brasileiros.

5.4.4 Hierofania

O segundo aspecto é a “hierofania”, ou seja, uma manifestação do sagrado no espaço ordinário, revelação de uma realidade absoluta. Segundo Eliade, quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, “não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se põe à não-realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo”¹⁹⁰, no caso da romaria de Salette, “funda” o mundo simbólico do/aromeiro/a, isso, em muito, baseado nas falas dos dirigentes das atividades que afirmam ser a imagem de Maria Salette uma “imagem sagrada”, uma imagem santa. De acordo com Fernandes,

Santo é uma presença. Nos centros de romaria, nas giras do afro-brasileiro, nas celebrações pentecostais, a “santidade” se faz presente. Pode ser vista, ouvida, tocada. A imagem feita de barro revela-se “santa” porque nela está, porque ela é potência superior [...] A “santidade” é manifestação efetiva de um plano superior em meios terrestres, a vitória sobre a morte no plano mortal. É, portanto, uma fonte de graças e milagres¹⁹¹.

¹⁸⁸ FURTADO, Jonas. Os mistérios de Maria. **Revista Isto É**. n.1990, dez.2007. p. 52-56.

¹⁸⁹ Conforme passagens do Evangelho de Lucas 9. 18-21; Evangelho de João 2.4.

¹⁹⁰ ELIADE, 1992, p. 22.

¹⁹¹ FERNANDES, 1994, p. 197.

Através das faixas, cartazes e frases repetidas constantemente, é “como se a própria divindade tomasse forma, e dialogasse com seus fiéis/peregrinos”¹⁹². Consoante Pereira¹⁹³, “acontece uma ‘alquimia’ de sentimentos, uma mudança do ‘natural’ em ‘sobrenatural’, modificando o estado de espírito das pessoas”. Podemos deduzir, a partir dos pesquisadores supra citados, na romaria saletina, hierofania é a relação do/a devoto/a com a imagem santa, ou seja, “revela” algo que já não é imagem, mas o sagrado. Para aquelas pessoas cujos olhos uma imagem se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural.

5.4.5 Maria como delineadora

Como terceiro aspecto teológico institucional lembro da função de Maria, em seu discurso em Salette, como delineadora de comportamento ético-moral-religioso. Seu discurso moralizante é parafraseado por diversos momentos durante o todo o mês de setembro, e em especial, nos dias de festa. A partir disso, poderíamos compreender, até certo ponto, que a devoção é entendida (e difundida pela instituição) como uma exigência do santo, no caso Maria¹⁹⁴, que pede um comportamento orante.

A partir da pregação institucional e, levando em conta a formação cultural sul-brasileira, passo, a seguir, a refletir a respeito dos possíveis “desdobramentos teológicos” dos/as romeiros/as da Romaria de Salette.

¹⁹² SALVADOR, 2006, p. 43.

¹⁹³ PEREIRA, 2003, p. 91.

¹⁹⁴ Conforme pesquisador, Pe. Atico Fassini descreve parte do discurso de Maria em Salette: “Fazeis bem vossa oração, meus filhos? - Ah! Meus filhos é preciso fazê-la bem, à noite e de manhã, dizendo ao menos um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, quando não puderdes rezar mais. Quando puderdes rezar, rezai mais”. In: FASSINI, 1996, p. 35-41.

5.5 CAMINHOS E ATALHOS: Teologias do povo

A devoção popular vai além, como anteriormente citado, da instituição. Ela adapta-se. As romarias são caso típico de encontro e fricção entre religião do “povo” e a do “clero”¹⁹⁵.

Ela é formada por conhecimentos adquiridos através de gerações. Cada romeiro tem um caso em que se sente protegido, abençoado, curado, nos quais refletiu e tornou de forma inteligível, articulada e testemunhada em gestos e falas, existe acordo entre o culto difundido pela instituição, mas também autonomia dos devotos em relação a gestos, sinais e rituais¹⁹⁶.

Aspectos dessa “teologia romeira” que passo a destacar nos próximos pontos é o tempo da romaria como **tempo sagrado** e o **corpo “empoderado”** através da relação com o sagrado.

5.5.1 Tempo de relação com o sagrado

Nas conversas paralelas em que as pessoas comentavam o tempo de viagem, de onde tinham vindo, percebi a compreensão de que quanto mais longe, quanto maior o tempo em que estavam acordadas, mais valiosa era a relação com Nossa Senhora e maior a dádiva, é a educação do corpo e da alma. O princípio parece ser: quanto mais se vem, maior a intimidade que se adquire com Maria.

O tempo de romaria é um tempo sagrado, um tempo de reavaliação da vida, tempo de atualização do tempo sagrado no tempo atual. O tempo da romaria nem sempre parece ser um tempo linear, ou seja, o tempo capaz de ser medido pelo

¹⁹⁵ SANCHIS, 2006, p. 88.

¹⁹⁶ FERNANDES, 1994, p. 116.

relógio (o *chronos*), mas sim um tempo de contagem baseado nas experiências e que vai permitir o tempo profano, em que se desenrola toda a existência humana, correr “normal” durante o ano em que se está longe do tempo sagrado¹⁹⁷.

Outrossim, cabe aqui lembrar do romeiro que participa há quarenta e um anos ininterruptos da romaria, podendo ser entendido esse tempo de romaria, um tempo de integração a um tempo em que o sagrado se manifesta, um tempo palpável da hierofania ou conforme Eliade:

[...] participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no tempo mítico reatualizado pela própria festa. Por conseqüência, o tempo sagrado é indefinidamente repetível¹⁹⁸.

Tudo que o tempo (profano) manchou, todas as ofensas, o desencadeamento de relacionamentos problemáticos e as falhas de caráter, o tempo sagrado aniquila num novo ano, como se o círculo de um ano seja paralelo ao ano civil, um ano em que início e final é marcado pelo evento comemorativo da manifestação sacra¹⁹⁹. Ou ainda, o ser humano religioso procura “regenerar” o seu tempo presente, conforme Eliade:

[...] o calendário sagrado regenera periodicamente o tempo, porque faz coincidir com o tempo de origem o tempo “forte” e “puro”. A experiência religiosa da festa, a participação no sagrado, permite aos homens viver periodicamente na presença dos deuses. Ao imitar seus deuses o homem religioso passa a viver o tempo de origem, o tempo mítico “sai” da duração profana para reunir-se a um tempo “imóvel”, à “eternidade”²⁰⁰

Na festa, o tempo primeiro, fundante do culto, é tornado presente e através da festa a “primeira aparição do tempo sagrado”²⁰¹. Nesse tempo sagrado, que é tempo de retorno ao relacionamento com a divindade, um tempo de vivência de valores “divinos”, um desses aspectos vivenciados na romaria, como um “sinal” do

¹⁹⁷ ELIADE, 1992, p. 75.

¹⁹⁸ ELIADE, 1992, p. 60.

¹⁹⁹ ELIADE, 1992, p. 68.

²⁰⁰ ELIADE, 1992, p. 88.

²⁰¹ ELIADE, 1992, p. 60.

Reino, é a solidariedade²⁰². Nesse sentido, pelo que pude presenciar na edição de 2006 da romaria, a solidariedade foi o desmantelamento da quadrilha de ladrões que estava vitimando peregrinos/as, em especial as pessoas vindas do interior.

Conforme Fernandes:

Entrar no tempo da romaria significava compartilhar uma longa memória e uma longa expectativa; e isto em movimento, ampliando-se o passado e abreviando-se o futuro, com consciência de que o tempo teria um fim²⁰³.

O tempo profano sendo anulado no tempo sagrado, gera conseqüências práticas na vida do romeiro/a: zera o cronômetro e inicia outro período para viver o profano.

5.5.2 Corpo - viajante, uma testemunha fé: Encontro entre corpos sagrados

Ora se é através do corpo que se peca, que se fazem estremecer as relações com Deus e com o próximo, somente pode ser pelo corpo a purificação. É como estar “sujo” na presença de pessoas as quais consideramos especiais ou “sujo” em ocasiões importantes, de forma que as relações mais pessoais exigem uma escrupulosa “limpeza corporal”²⁰⁴, ou em sentido “romeiro” de “limpeza espiritual”. Portanto, é por meio da penitência que se atua na “recriação da irrupção do sagrado”²⁰⁵.

Após a penitência vem a festa, ou seja, como houve a finalização do “ano de pecado”, pode-se comemorar. Toda a vida de um romeiro passa pelo corpo, isto é, todo o relacionamento com o sagrado.

²⁰² FRANCISCO, 1999, p. 33.

²⁰³ FERNANDES, 1994, p. 29.

²⁰⁴ DA MATTA, 1987, p. 82.

²⁰⁵ ELIADE, 1992, p. 68.

Para um corpo tão “ativo” uma “conseqüência” teológica é o “empoderamento” do corpo. O conceito de empoderamento tem origem na língua inglesa na palavra *empowerment* e tem como acepção a atribuição de poder ou influência acrescido às pessoas, através de envolvimento dessas em processos de decisão, concedendo autonomia e o poder de realizar ações. Significa também a descentralização de poderes pelos vários níveis hierárquicos²⁰⁶. O “empoderamento” na romaria é o corpo agindo.

Notadamente estamos em um mundo marcado pelo conceito cartesiano, com divisão entre corpo e mente, sendo as atividades mentais mais valorizadas em detrimento do trabalho braçal²⁰⁷. Nesse sentido, o empoderamento permite que pessoas possam relacionar-se com o sagrado através de seus corpos pelo toque, pelo cântico, pelo testemunho visual, sendo que, nesta relação, a divindade não se importa com o cheiro de suor, fala com sotaque ou baixa escolaridade. Em outras palavras, ao contrário de Descartes que define ser humano como espírito, ser pensante (penso logo existo), supervalorizando o trabalho e as capacidades intelectuais, o/aromeiro/a vive mais em acordo com as compreensões de Merleau-Ponty, “eu sou meu corpo” (existo, logo penso)²⁰⁸.

A teologia “dogmática” do/aromeiro/a é bem mais simples que os dogmas romanos. É uma teologia que talvez tenha um único artigo, expresso em vários ritos, desdobrada e desenvolvida de forma bastante pessoal. O artigo possivelmente seja traduzido como: “o corpo inteiro em todas as suas possibilidades relaciona-se com Deus”, tendo em mente que Maria é a representante divina no santuário, durante o tempo de romaria. É pelo corpo que se testemunha fé, que se recebem bênçãos e,

²⁰⁶ Disponível em: <<http://www.ufrn.br/sites/engenhodesonhos/hipertexto/empoderamento.html>>. Acesso em: 31 jan. 2008.

²⁰⁷ MEDINA, 1987, p. 55.

²⁰⁸ MEDINA, 1987, p. 49.

as administra, é pelo corpo que se vivencia a devoção, é pelo corpo que se memoriza as “verdades” de fé.

O corpo “ganha” valor diferenciado do valor da sociedade atual, a sociedade ordinária, que dá valor à mente ou ao corpo bonito e “saudável”. O corpo e a mente se tornam entrelaçados nas relações de fé²⁰⁹. Corpos são fonte de autoridade no seu relacionamento de fé²¹⁰, a “memória do sagrado”, é a religiosidade como resistência, é a sabedoria popular²¹¹.

Assim, a relação de fiel com a manifestação sacra se dá no nível da repetição de atos corporais marcados na memória do corpo deste, o corpo com memória tem poder²¹².

5.5.3 Corpos-viajantes: Atos que unem

A procura pelo santuário de romaria pode ser entendida como o desejo da pessoa religiosa de situar-se no espaço sagrado, espaço “aberto para o alto”, em comunicação com o mundo divino²¹³, no caso, em comunicação com o arauto de Deus, a mãe Maria.

A devoção popular se expressa, deste modo, por símbolos. Os símbolos, por sua vez, possuem funções que trazem certa unificação, união de contrários, algo como diz Mesquitela Lima²¹⁴ “uma força centrípeta que se opõe às forças centrífugas da ordem cultural”. Ainda nesta direção devemos lembrar de Mauss²¹⁵ quando este afirma que a vida social é um mundo de relações simbólicas. Ainda a

²⁰⁹ GIERUS, 2004. p. 46.

²¹⁰ GIERUS, 2004, p. 47.

²¹¹ FERNANDES, 1994, p. 220.

²¹² GIERUS, 2004, p. 50.

²¹³ ELIADE, 1992, p. 77.

²¹⁴ LIMA, Mesquitela. **Antropologia do Simbólico**. Lisboa: Presença, 1983. p. 53.

²¹⁵ MONTERO, Paula. **Magia e pensamento mágico**. 2. ed., São Paulo: Ática, 1990. p. 43.

respeito, Montero afirma que “ato simbólico é um ato social em que o ser humano se identifica e identifica as coisas com ele”²¹⁶, romeiros/as sobem o morro, até o ponto mais elevado da cidade, também sobem até a imagem de Maria ascendendo, uma ascensão ao cume da possível relação com o divino, depois na descida ao mundo, inicia-se uma “nova vida”, propiciada pelo contato com a “imagem sagrada”.

Os atos simbólicos aqui na romaria são, portanto, os toques nas imagens, no sacrário, o andar de joelhos, a repetição de gestos e falas, a repetição anual dos mesmos atos. Conforme Eliade, a “recitação ritual do mito cosmogônico desempenha um papel importante nas curas, quando se busca regeneração do ser humano”²¹⁷.

Menezes, em a sua observação participante no Santuário de N. Sra. da Penha, segundo a autora:

[...] aproximar-se da santa significa passar de uma área pública para uma área privada [...] o princípio que parece regular o percurso até a santa é que quanto mais para cima, e mais para dentro, mais próximo se está do sagrado²¹⁸.

Na romaria o sagrado é presente, concreto, material, sensível, possível de ser visto e tocado. Na romaria os/as peregrinos/as trazem a sua vida toda, corpos e objetos representativos de sua vida para serem abençoados por Maria, a mãe que se revelou em Salette²¹⁹.

5.5.4 Corpo meio de devoção: O encontro entre os corpos

De acordo com Azzi, citado por Pereira, “a devoção ao santo constitui para o fiel uma garantia de auxílio celeste para suas necessidades. A lealdade ao santo

²¹⁶ MONTERO, 1990, p. 44.

²¹⁷ ELIADE, 1992, p. 69.

²¹⁸ MENEZES, 2000, p. 317.

²¹⁹ FERNANDES, 1994, p. 115.

manifesta-se, sobretudo no exato cumprimento das promessas feitas²²⁰. Na relação devocional, a promessa é algo fundamental e precisa ser cumprida.

A devoção, apesar de ser fomentada pela instituição e alimentada nas romarias e peregrinações, em termos gerais, a devoção é a não “institucionalização da fé”, ela se manifesta independente da Igreja institucionalizada²²¹, basta lembrar da insistência das pessoas em acenderem velas, os ex-votos que se consomem em luz para o louvor de Maria²²², no local não apropriado, no caso o “Santuário da Luz”, mas próximo à imagem de Maria chorando no *Fac-Símile*. O povo vive a sua fé.

Pelos ritos, sustentada por uma crença coletiva, se dá a eficácia do “ato mágico”²²³. A religião, a instituição, da romaria oferece a coletividade da crença no poder salvífico e miraculoso da aparição de Maria em Salette e o pensamento mágico concretiza as necessidades latentes, curas, emprego, superação de conflitos, etc.

Uma das formas pelas quais se vivencia a devoção, também é o sacrifício. Nesse relacionamento com a santa, na tradição católica, a dádiva é algo muito significativo. A dádiva se torna mais significativa, ou mais valiosa, quando implica em alguma forma de sacrifício por parte do devoto.

No caso da romaria, esse sacrifício estaria na ultrapassagem de dificuldades de ordem física (subir o morro descalço), material (financeiro, juntando dinheiro o ano todo pra investir na romaria) ou espiritual (se preparar com novenas, terços), para atingir o santuário²²⁴. O que é possível analisar acerca do item “sacrifício”

²²⁰ PEREIRA, 2003, p. 68.

²²¹ PEREIRA, 2003, p. 71.

²²² MENEZES, 2000, p. 326.

²²³ MONTERO, 1990, p. 60.

²²⁴ MENEZES, 2000, p. 318.

somente pode ser feito através da observação da tradição cumulativa e não da fé interior²²⁵.

Neste sentido, pude perceber nesta inserção na Romaria de Salette, que aspectos sacrificiais estão presentes na realidade da romaria em momentos, como o andar descalço, depositar flores, dinheiro, andar longas distâncias a pé ou ainda, se colocar sob o sol escaldante com o objetivo de pegar uma garrafinha com água da fonte próxima ao *Fac-Símile*, ou ainda, por parte da instituição, o uso do termo “oferenda” durante a missa de sábado na edição de 2007.

Etimologicamente temos que o termo sacrifício vem do latim “*sacrificium*” composto de *sacer* e *ficium*, significando “ato de fazer/manifestar o sagrado”, “ato de passar da esfera do profano para a esfera do sagrado”²²⁶. Sacrifício é posto, assim, ao lado da oração como rito de participação em que o ser humano se comunica com a divindade²²⁷. Quanto à forma de classificação dos sacrifícios eles são subdivididos da seguinte forma: **positivo**: quando afirma e potencializa a vida; **negativo**: quando quer eliminar tudo que é nocivo à vida e pode ocorrer em circunstâncias periódicas (mensal, anual, diário) ou ocasionais (ritos de passagem, votos, adivinhação, dedicação, aliança, iniciação)²²⁸.

A partir dos relatos ouvidos durante a Romaria, percebo que a compreensão de sacrifício é tão diversa quanto às definições contidas nos dicionários, contudo, presente. Tal fato é ilustrado por um jovem católico, voluntário no trabalho, quando questiona a compreensão de que Deus deseje o sacrifício, já uma senhora

²²⁵ Não pretendo me estender aqui neste trabalho acerca do termo sacrifício, por esse motivo não trarei as teorias de Lauret, Girard ou Mauss e Hubert, ou compreensões de sacrifício em Bordieu, como a trabalhada por ele em “Economia das trocas simbólicas”. Em um outro momento pretendo aprofundar-me na questão, contudo, sua menção aqui é apenas para a melhor compreensão de alguns dos acontecimentos descritos da romaria.

²²⁶ Disponível em: <[http://www.persocom.com.br-curiosidades da etimologia](http://www.persocom.com.br-curiosidades-da-etimologia)>. Acesso em: 11 dez. 2006.

²²⁷ STELLA, Jorge Bertolaso. **Introdução à história das religiões**. São Paulo: Metodista, 1970. p. 137.

²²⁸ STELLA, 1970, p. 141.

paranaense tem a convicção de que foi o sacrifício da sogra que curou a cegueira de seu marido.

Nesta viagem reativam-se as relações com a santa, uma relação de dependência do/a devoto/a em relação à santa, conforme Menezes, “uma fonte de saudá-la e renovar os laços estabelecidos com ela, oferecendo-lhe a visita como uma dádiva, muitas vezes acompanhada de outras oferendas, como velas e ex-votos, ou da assistência a uma missa celebrada”²²⁹. Seja uma oferenda ou um ato de penitência, o sacrifício como um donativo ou um bem simbólico oferecido à divindade, geralmente o bem oferecido é o próprio corpo da pessoa, doado através de atitudes que expressam uma linguagem que tem a função de comunicar algo ao santo²³⁰. Através de diversas expressões da corporalidade chega-se à redenção de certa condição que de alguma forma é opressora, no caso doença, pecado, culpa²³¹.

Pereira lembra a afirmação de Júlio de Santa Ana que “devemos distinguir entre o sacrifício imposto e o sacrifício que corresponde a uma disposição de amor”²³². Esse segundo teria uma dimensão redentora e estaria ligado mais intimamente com a devoção popular, como por exemplo, privar o corpo de algo em detrimento de um bem maior, algo, então, como devoção sacrificial.

Em relação ao sacrifício material, quando o/a devoto/a consome em homenagem à santa as economias de todo um ano, uma das despesas fundamentais são as *lembranças* (brinquedos, cintos, imagens que depois são bentas pelos padres, eletroeletrônicos, roupas, etc.). As *lembranças* são um tipo especial de despesa: possuem uma dimensão sacrificial por seu custo, já que é investimento dos resultados de meses de trabalho. Ainda, contudo, “as *lembranças*

²²⁹ MENEZES, 2000, p. 318.

²³⁰ PEREIRA, 2003, p. 75.

²³¹ RIBEIRO, Maria Cristina Duarte. A corporalidade nos contos de fada. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1. ed., 1995. p. 122.

²³² PEREIRA, 2003, p. 74.

têm uma outra possível dimensão a ser levada em conta: elas são parte da festa que se leva pra casa”²³³. Poder-se-ia pensar, nesse sentido, que talvez as “lembranças” fossem “amuletos”, objetos de proteção, ou ainda, a extensão do “tempo sagrado” no “tempo ordinário” da vida dos/as devotos/as.

5.5.5 Corpo espaço abençoado

Seres humanos são corpos que estabelecem relações. Em acordo com Medina²³⁴, pode-se falar em corpo-biológico, corpo-orgânico, corpo-objeto, corpo-carnal, ou corpo-monumental, ou corpo-saudável, corpo-torturado, corpo-produtivo ou corpo-fragmentado. Assim podemos falar também de um corpo-teológico.

No contato com a divindade manifestada na imagem corpórea do santo, o corpo do devoto torna-se espaço teológico, ou seja, lugar da manifestação de Deus, reconhecido nas “curas” e em outros “milagres” que os/as romeiros/as atestam ter testemunhado. Em outras palavras, conforme Merleau-Ponty, o corpo o qual eu percebo me comunica algo inteiramente subjetivo e extremamente verdadeiro ao meu olhar de crente:

[...] do mesmo modo que meu corpo, como sistema de minhas abordagens sobre o mundo, funda a unidade dos objetos que eu percebo, do mesmo modo o corpo do outro, como portador das condutas simbólicas e da conduta do verdadeiro, afasta-se da condição de um dos meus fenômenos, propõe-me a tarefa de uma verdadeira comunicação e confere a meus objetos a dimensão nova do ser intersubjetivo ou da objetividade²³⁵.

Um dos principais motivos em que se empreendem romaria, além da intenção de purificação, é a procura por cura.

²³³ MENEZES, 2000, p. 329.

²³⁴ MEDINA, 1987, p. 89.

²³⁵ MERLEAU-PONTY, 1989, p. 51.

A frágil política pública em relação à saúde para a população carente associada à religião como algo determinante no Brasil, levam à busca por cura mística, miraculosa. A maior parte do público na romaria é formada por mulheres que, diante de uma situação de doença, tendem a utilizar mais a medicina tradicional, isto é, os curandeiros, as benzedeadas, recursos caseiros e religiosos²³⁶.

Contudo, o povo tem suas próprias representações de saúde, doença e corpo. O corpo é sócio. Um corpo saudável ou um corpo doente porta significados sociais, como se fosse o reflexo da sociedade e não apenas a partir de processos biológicos²³⁷. Curar é ordenar o que está desordenado, é “trazer” aquele ser que está fora do grupo de crentes ao grupo dos “ordenados”²³⁸.

A cura é uma representação cultural, é uma situação social. Conforme Ferreira, “a capacidade de sentir, pensar e experimentar as mensagens corporais (sensações) está ligada à forma como corpo e doença é representada em cada grupo social”²³⁹, ou seja, o indivíduo é doente ou saudável segundo a sua sociedade e de acordo com os critérios e modalidades que ela fixa²⁴⁰.

Numa romaria, assim como em vários momentos de reunião social, ocorrem situações que “obrigam” de fato e de direito certas posturas e sentimentos²⁴¹, pois quem arriscaria dizer que voltou pior de uma romaria devido ao excessivo esforço? Assim, seria a cura a reintegração das pessoas, antes, enfermas nas suas sociedades de origem após essas empreenderem uma romaria, ou seja, quem sai em viagem, nunca volta o mesmo.

²³⁶ FACHEL, Jandyra M.G. Corpo dado. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1. ed., 1995. p. 49.

²³⁷ FERREIRA, Jaqueline. Semiologia do corpo. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1. ed., 1995. p. 93.

²³⁸ Anotações de aula da cadeira de Ciências da Religião, das Faculdades EST, ministrada em 1999/I, pelo Professor Dr. Oneide Bobsin.

²³⁹ FERREIRA, 1995, p. 93.

²⁴⁰ FERREIRA, 1995, p. 94.

²⁴¹ DA MATTA, 1987, p. 77.

Através dos corpos “sintonizados”, em rituais corporais, se podem estabelecer a reconciliação ou em acordo com Pereira²⁴², “acontece uma ‘alquimia’ de sentimentos, uma mudança do ‘natural’ em ‘sobrenatural’, modificando o estado de espírito das pessoas”. Resultado da viagem-romaria é mudança no próprio agente-corpo-viajante, este vive a viagem-romaria e traça os caminhos próprios, alimentados pelos caminhos propostos pela instituição, pelos mapas “oficiais”, mas quando saem em viagem, talvez saibam qual o destino, mas como se chega lá e como se volta às origens, somente os encontros da viagem é que farão a diferença.

²⁴² PEREIRA, 2003, p. 91.

CONCLUSÃO

A viagem chega ao seu final. O corpo-viajante retorna ao seu lar e traz em suas malas muitas coisas. Tem muito a contar aos/as amigos/as e familiares. Nessa tarefa de partilhar impressões reúne todos/as e mostra fotos, cartões-postais, lê anotações e distribui “lembranças”.

A primeira lembrança que distribui é um livro da história da Romaria Penitencial de Nossa Senhora de Salette em Marcelino Ramos. O primeiro capítulo desta dissertação. Neste capítulo trouxe a história de Marcelino Ramos, o contexto de surgimento da Romaria de Salette. Dentro desse histórico, subsídios para o desenvolvimento de um panorama geral que alicerçou a piedade saletina no referido município. Num segundo momento, dentro do mesmo capítulo, busquei retrazar as origens do culto de Nossa Senhora de Salette. Para tanto, utilizei-me do relato da aparição e dentro dos diversos aspectos que a historiografia contemporânea nos mostra, a saber, o processo de industrialização, secularização e cientificização, que vivia a Europa do século XIX. A partir disso, a ICAR não apenas permitiu o culto surgido da aparição mariana em *La Salette*, como potencializou esta e outras piedades nascidas de aparições, com o objetivo de enfraquecer os processos de racionalismo e laicização crescentes nos dois últimos séculos.

Nessa perspectiva, a fé saletina passa a ser difundida em diversos locais. Em seu processo de expansão, chega até o Brasil durante a primeira república, primeiramente no sudeste, logo após vindo até o sul. No Rio Grande do Sul, instala uma escola apostólica, um seminário e um santuário, onde se preconiza a Romaria de Salette.

Nosso viajante distribui imagens que contemplou e que registrou em fotos. Distribui algumas. Apresento o segundo capítulo.

No segundo capítulo, trato do fenômeno do turismo, e, assim, trouxe alguns conceitos a respeito do tema, em que este é apontado como a indústria da diferença. A atividade turística em Marcelino Ramos surge numa tentativa de reverter a perdas econômicas instaladas nos últimos anos. De forma indireta, essa atividade é preconizada a partir do Seminário de Salette, sendo que esse apoio estava em conformidade com orientações da ICAR que, desde 1969, já olhava para o fenômeno do turismo como possível “areópago” de evangelização.

Num segundo momento do capítulo desenvolvi também a dimensão turística dentro das estruturas da romaria através do turismo religioso. Turismo religioso se torna expressão de novas estruturas de significado, sendo uma nova forma de viver religiosidade consumindo alguns elementos religiosos à revelia de uma instituição religiosa. O turismo religioso aponta para uma espiritualidade difusa, apoiado na lógica mercadológica em que é estimulado o consumo da diversão, de *show* e de *souvenirs*. Essa forma de turismo entra em conformidade com a romaria a partir do deslocamento espacial para viver a religiosidade, mas se torna algo diferenciado ao viver religiosidade fora dos padrões institucionais. Sendo o turismo a indústria da diferença, o turismo religioso pode trazer em seu bojo o risco de ditar quem poderá

ter experiências religiosas e a quais experiências, talvez, até, restringindo o acesso ao sagrado a poucos.

Entre animadas conversas, o corpo-agente-viajante, partilha as experiências que teve ao encontrar outros viajantes. Romaria de Salette acontece porque personagens diversos estão presentes, de forma virtual como Maria e as testemunhas de sua aparição, representados por suas estátuas, dirigentes e organizadores e povo peregrino. Corpos interagindo. O capítulo terceiro traz uma reflexão em torno da formação do corpo a partir da cultura e das estruturas religiosas. O corpo é o elemento central da fé cristã, uma vez que esta se firma a partir da ressurreição de Cristo e ressurreição é de interesse do corpo. Uma primeira aproximação conceitual é feita a partir das dicotomias do corpo ao longo da história através da filosofia e compreensões da antropologia. Através dessa literatura, se conclui que a sociedade em suas diversas formas é que decide o ideário de posturas, sentimentos e, também, percepções dos que a compõem.

Num segundo momento, trato mais especificamente a respeito da formação teológica do corpo. Procuro refletir a partir da imersão do corpo na romaria que há a percepção de mundo e relação com o sagrado. O corpo é educado para se abrir às experiências místicas e, nesse ínterim, os corpos se movimentam e se relacionam. A abertura para o mundo e as experiências com o sagrado acontecem através dos sentidos corporais. O corpo é via de inserção do sujeito no mundo e na romaria.

As pessoas que ficaram em casa, pessoas das relações do/a viajante, sentem curiosidade. O corpo-viajante previu isso e para não correr o risco de esquecer algo registrou impressões em um diário. Através desse diário são trazidos alguns dos principais fatos e performances de romeiros/as, dirigentes e nativos

percebidos durante os dias de Romaria de Salette. As diversas noções que perpassam a romaria são expostas em um diário de campo no quarto capítulo.

Os rituais de culto, a saber, os gestos romeiros de relação com o sagrado e os ritos oficiais, são apresentados lado a lado aos rituais de festa, os rituais populares entrecruzando com as noções de corporeidade e percepção em Merleau-Ponty e Eliade. A partir desse entrecruzamento de gestos da romaria e concepções dos autores, pude perceber algumas das teologias presentes na romaria e impressas nos corpos. Na romaria de Salette, o corpo é estimulado nos momentos de oração, bênção, as pessoas são convidadas a estender braços, levantar braços, acenar mãos, o corpo é um espaço para prestar homenagens, louvar e, de certa forma, entrar em sintonia com o todo através de movimentos sincronizados na vivência da religiosidade/devção através dos cinco sentidos.

Após ter partilhado os detalhes de sua viagem, o corpo-viajante finalmente descansa. Nesse seu tempo consigo mesmo reflete tudo o que sentiu, viu, ouviu e experimentou. Faz um exercício de rememoração interior e reflete no que e como essa viagem mexeu nele.

O que a viagem revelou ao corpo-viajante, vemos, no quinto capítulo. Neste trabalhei a formação da Romaria de Salette a partir de uma aproximação histórica, evidenciando seus traços específicos como fruto de um projeto traçado pela ICAR, durante a primeira República, que pretendia estabelecer o catolicismo romanizado, advindo do Concílio Vaticano I. Dentro desse projeto, estava a fundação de novas paróquias, escolas católicas e realizar trabalho massivo de catequização em ambientes que continham escolas protestantes e que fossem novas áreas de colonização ou que tivessem contato com catolicismo “popular”. Dentro dessa ação missionária são criadas novas romarias em que há a participação efetiva dos bispos.

Marcelino Ramos encaixava-se no perfil dessa ação, pois era área de imigração, tinha presença protestante e estava próxima dos eventos messiânicos do Contestado. Sendo a romaria saletina originada do projeto romano, ela é mais moderada nas demonstrações piedosas dos/as romeiros em relação às outras romarias brasileiras de origem popular ibérica.

A romaria de Salette, além de caráter religioso, tem uma função social, não apenas socialização dos habitantes e visitantes, mas ativamento de auto-estima na população local e despertar de esperança, pois evoca memória do período áureo da cidade de Marcelino Ramos, período de grande circulação de divisas e passagem de viajantes. Ainda na romaria ocorre colaboração entre pessoas de diferentes confissões e partidos políticos, por um breve período, há o engajamento de diversos setores.

Tendo como arcabouço os capítulos anteriores, pude dentro desse último capítulo, transcrever alguns aspectos teológicos que se desenrolam dentro da Romaria de Salette e que são expressos através dos corpos, pelas posturas, falas e gestos, tanto da parte dos dirigentes como dos/as romeiros/as. Temos que a teologia oficial, a partir da instituição religiosa é expressa através de ritos e discursos que enfatizam a doutrina e valores romanos de hierarquia, autoridade, moral e os aspectos dogmáticos marianos. Partindo da pregação institucional, realizada de forma visual e auditiva principalmente, desenvolve-se uma “teologia romeira”. Essa teologia se manifesta pelo corpo romeiro que se relaciona com a manifestação sagrada através de gestos simbólicos, de forma devocional renovando as relações com a divindade. O corpo se torna espaço “empoderado” a partir de suas possibilidades pessoais de ação e relação com o sagrado. No contato com a esfera divina manifesta na imagem virtual, mas corpórea, do santo, no caso do arauto de

Deus, Maria, o corpo do/a devoto/a torna-se espaço teológico, espaço da manifestação divina através de curas, sentimentos de proteção e bênção e também da articulação testemunhal desses sentimentos. Através dos corpos são testemunhadas convicções de fé.

Do exercício de agrimensor, da busca de elementos formadores do mapa, resultou esse trabalho. O traçar caminhos, medir estradas, conhecer relevos, caminhar, peregrinar, fazer a travessia... Os objetivos da viagem são vislumbres no início da viagem, o destino é uma esperança, de fato o conhecemos em parte, os caminhos conhecemos no empreender a viagem...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADUCCI, Edésia. **Maria e seus títulos gloriosos**. São Paulo: Loyola, 1998.
- ALVES, Rubem. **Creio na ressurreição do corpo**. 5.ed., São Paulo: Paulus, 1984.
- _____. **Mansamente pastam as ovelhas**. São Paulo: Campinas, 2002.
- _____. **Um céu numa flor silvestre**. Campinas: Verus, 2005.
- AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil: Aspectos Históricos**. Vozes, 1978.
- BERKENBOCK, Volney (redator). SEDOC (Serviço de Documentação). **Orientações para a pastoral do turismo**. Pontifício Conselho para Pastoral dos Emigrantes e Itinerantes, Petrópolis: Vozes, vol. 34, n. 289, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA, João Ferreira de Almeida (Trad.). Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2. ed. 1993.
- BORBA, Francisco S. (Org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.
- COYLE, Kathleen. **Maria na tradição cristã**. São Paulo: Paulus, 1999.
- DA MATTA, Roberto. **O corpo brasileiro**. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1987.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.
- DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- EDITORIAL de “La Civilitá Católica”. Cristianismo e Revolução. **Cultura e Fé**, Porto Alegre: Instituto de desenvolvimento cultural, ano 12, n. 48/49, jan./jun. 1990.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FACHEL, Jandyra M.G. Corpo dado. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1. ed., 1995.

FASSINI, Pe. Atico. **Crônicas de uma missão**: Cem anos de presença saletina no Brasil. 1.ed. Passo Fundo: Curitiba, 2001.

_____. **História da Salette**. Erechim: São Cristóvão, 1996.

FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do Bom Jesus**: Uma introdução às religiões populares. Editora Brasiliense, 1982.

_____. **Romarias da paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERREIRA, Jaqueline. Semiologia do corpo. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1. ed., 1995.

FRANCISCO, Pe. Manoel João. Romaria: Outra forma possível de celebrar o sacramento da Penitência. **Revista de Liturgia**, São Paulo: Paulinas, jan./fev. 1999.

FURTADO, Jonas. Os mistérios de Maria. **Revista Isto É**. n.1990, dez.2007.

GALINDO, Daniel dos Santos; TONDATO, Márcia Perencin. Magic Park Aparecida: o profano e o sagrado mediados pela cultura do lazer. **Comunicação e sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, n. 34, 2.sem., 2000.

GIERUS, Renate. Corporalidade: história oral e corpo. In: STRÖEHER, Marga J. (Org.). **À flor da pele**. Sinodal: São Leopoldo, 2004.

GINGRICH, F. Wilbur Frederick; DANKER, W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1991.

HAMA, Lia. O embaixador dos espíritos. **Revista das Religiões**, São Paulo: Abril, n.15, nov. 2004.

ISOTON, Lourdes Zago; ISOTON, Irineu José (Org.). **Marcelino Ramos**: História e turismo. São Cristóvão: Erechim, 2005.

KROEBER, A.L.; KLUCKHOHN C. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: Instituto Getúlio Vargas, 1986.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1990.

LIMA, Mesquitela. **Antropologia do Simbólico**. Lisboa: Presença, 1983.

LOPES, Rodolfo Paula. **Dicionário de Ciências Sociais**. Instituto de Documentação. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

MAUSS, Marcel. Técnicas corporais. **Sociologia e Antropologia**, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda/ Editora da Universidade de São Paulo, v.2.,1974.

MAZZUCCHI, Maria Letícia Ferreira. O retrato de si. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1. ed., 1995.

MEDINA, João Paulo S. **O brasileiro e seu corpo**. Campinas: Papyrus, 1987.

MENEZES, Renata de Castro. Devoção e diversão: A festa da Penha (RJ) como uma romaria. **Revista Eclesiástica Brasileira**. vol.n. 232, Petrópolis: Vozes, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice **O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas**. Campinas: Papyrus, 1989.

_____. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTERO, Paula. **Magia e pensamento mágico**. 2. ed., São Paulo: Ática, 1990.

MOTONURA, Marina. Maria, a face feminina de Deus. **Revista das religiões**. São Paulo: Abril, n.9, mai. 2004.

OLIVEIRA, Pe. José Lisboa de. As Aparições de Nossa Senhora: uma avaliação teológica. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis: Vozes, n. 223, set.1996.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PEREIRA, José Carlos. **A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo**, 2003. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever>>. Acesso em: 11 dez. 2006.

PÓLVORA, Jaqueline Britto. O corpo batuqueiro: Uma expressão religiosa afro-brasileira. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1. ed., 1995.

RAACH, Lindomar. **As curas sob perspectiva social e teológica**. Trabalho Semestral. São Leopoldo, 1998.

REEBER, Michel. **Religiões, mais de 400 termos, conceitos e idéias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

RIBEIRO, Maria Cristina Duarte. A corporalidade nos contos de fada. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1. ed., 1995.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 4.ed., 1986.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 36ª ed., 1986.

ROSSO, S. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas/Paulistas, 1989.
RÜBENICH, Wilmar Wilfrid. **Marcelino Ramos: A guerra e o pós-guerra do Contestado**. 1.ed. Erechim: São Cristóvão, 2002.

SALVADOR, Thais Vanessa. **Peregrinação a Santa Paulina: Um “novo modo de peregrinar”**. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: Um lugar para o turismo religioso. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n. 8, out. 2006.

STANCATI, T. Verbete: Kairós. In: NETTO, João Paixão; MACHADO, Alda da Anunciação (Trad.). **Lexicon Dicionário Teológico Enciclopédico**. São Paulo: Loyola, 2004.

STEIL, Carlos Alberto. Aparições de Nossa Senhora, tradição e atualidade. **Revista Grande Sinal**, Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, set./out.1995.
STELLA, Jorge Bertolaso. **Introdução à história das religiões**. São Paulo: Metodista, 1970.

STRÖEHER, Marga J. (Org.). **À flor da pele**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

THOMÉ, Lauro Nelson. **Marcelino Ramos: Histórico**. Erechim: Livraria e Tipografia Modelo, 1962.

Verbetes: Empoderamento. Disponível em:
<<http://www.ufrn.br/sites/engenhodesonhos/hipertexto/empoderamento.html>>.
Acesso em: 31 jan. 2008.

Verbetes: Sacrifício. Disponível em: <<http://www.persocom.com.br-curiosidades> da etimologia>. Acesso em: 11 dez. 2006.

WEINBERG, Jacques A. Anotações para uma teoria do turismo: A indústria da diferença. **Revista Comunicação e Sociedade**, Universidade Metodista de São Paulo, n. 27, 1997.

ZILLER, Urbano. Aparições de Nossa Senhora ou criações subjetivas? **Revista Teo Comunicação**, Porto Alegre: PUCRS, vol. 27, n.117, set.1997.

ANEXO I

DISCURSO COMPLETO DE MARIA DE LA SALETTE

A primeira palavra dirigida às crianças é um chamado: *“Vinde, meus filhos, não tenhais medo! Aqui estou para vos contar uma grande notícia!”*²⁴³. Após estas primeiras palavras, ela comunica-se com os videntes em “patois”, ou seja, dialeto local. A sua mensagem constituía-se das seguintes “revelações”:

Se meu povo não quer submeter-se, sou forçada a deixar cair o braço de meu Filho. É tão forte e tão pesado que não posso mais sustê-lo. Há quanto tempo sofro por vós! Se quero que meu Filho não vos abandone, sou incumbida de suplicá-lo sem cessar. E quanto a vós, nem fazeis caso! Por mais que rezeis, por mais que façais, jamais podereis recompensar a aflição que assumi por vós. Dei-vos seis dias para trabalhar, reservei-me o sétimo, e não querem me concedê-lo. É isso que torna tão pesado o braço de meu Filho! E também os carroceiros não sabem praguejar sem implicar com o nome de meu Filho. São as duas coisas que tornam tão pesado o braço de meu Filho. Se a colheita se estraga, é só por vossa causa. Eu vo-lo mostrei no ano passado, com as batatinhas: Vós nem fizestes caso! Ao contrário: quando encontráveis batatinhas estragadas, praguejáveis implicando com o nome de meu Filho. Elas continuarão assim, e neste ano, para o Natal, não haverá mais²⁴⁴.

A palavra "batatinhas" dita pela senhora em francês, confunde Melânia, pois a palavra é desconhecida para ela. A Bela Senhora percebendo a confusão se antecipa dizendo: *“Não compreendeis, meus filhos? Vou dizê-lo de outro modo”*²⁴⁵.

E fala o *patois*, ou seja, dialeto de Corps:

Se a colheita se estraga... Se tiverdes trigo, não se deve semeá-lo. Tudo que semeardes será devorado pelos insetos, e o que produzir, cairá em pó ao ser malhado. Sobrevirá uma grande fome. Antes que a fome chegue, as crianças menores de sete anos serão acometidas de tremor e morrerão nos braços dos que as carregarem. Os outros farão penitência pela fome. As nozes caruncharão, as uvas apodrecerão²⁴⁶.

²⁴³ FASSINI, Pe. Atico. **História da Salette**. Erechim: São Cristóvão, 1996. p. 35.

²⁴⁴ FASSINI, 1996, p. 37.

²⁴⁵ FASSINI, 1996, p. 38.

²⁴⁶ FASSINI, 1996, p. 38.

A Bela Senhora confia um segredo a Maximino. Depois outro a Melânia. E continua:

Se se converterem, as pedras e rochedos se transformarão em montões de trigo, e as batatinhas serão semeadas nos roçados.

- Faça bem vossa oração, meus filhos?

- "Não muito, Senhora!", respondem as crianças.

- Ah! Meus filhos é preciso fazê-la bem, à noite e de manhã, dizendo ao menos um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, quando não puderdes rezar mais.

Quando puderdes rezar, rezai mais. Durante o verão, só algumas mulheres mais idosas vão à missa.

Os outros trabalham no domingo, durante todo o verão.

Durante o inverno, quando não sabem o que fazer, só vão à missa para zombar da religião.

Durante a Quaresma vão ao açougue como cães.

- Nunca viste trigo estragado, meus filhos?

- Respondem: "Não, Senhora".

A Bela Senhora, dirigindo-se a Maximino, diz-lhe então:

- Mas tu, meu filho, tu deves tê-lo visto uma vez, em Coin, com teu pai. O dono da roça disse a teu pai que fosse ver seu trigo estragado.

E então, fostes ambos até lá. Ele apanhou duas ou três espigas entre as mãos e, amassando-as, tudo caiu em pó.

Ao voltardes, quando estáveis a meia hora longe de Corps, teu pai te deu um pedaço de pão dizendo-te:

- "Toma meu filho, come pão neste ano ainda, pois não sei quem dele comerá no ano próximo, se o trigo continuar assim!".

- "Ah! Sim, Senhora, agora lembro. Há pouco não lembrava disso".

E a "Bela Senhora" conclui sua mensagem, em francês:

- "Pois bem, meus filhos, transmitireis isso a todo o meu povo!".

Andando por sobre a relva, sem voltar-se para os dois pastorinhos que a seguiam, insiste:

- "Vamos, meus filhos, transmiti isso a todo o meu povo!"²⁴⁷.

A "Bela Senhora" sobe a ladeira traçando um caminho sinuoso que vai em direção ao monte Collet. A trilha sinuosa percorrida pela Bela Senhora, é posteriormente transformada em "Via Sacra" pelos primeiros peregrinos que acorrem ao local da Aparição.

Chegando ao alto do Collet, de acordo com o relato de Maximino, a "Bela Senhora" suavemente se eleva a cerca de um metro e meio de altura, as crianças se aproximam em seguida ela voltando-se para o Sudoeste, "*derrete-se na luz*". A Bela

²⁴⁷ FASSINI, 1996, p. 38.

Senhora toda feita de luz lentamente desaparece. Primeiro a cabeça, depois, o corpo todo²⁴⁸.

Maximino, vendo as rosas no calçado da Bela Senhora, tenta apanhar uma, mas sua mão volta vazia. Melânia pergunta então:

- "Será talvez alguma grande santa?", Maximino suspira dizendo:
- "Se a gente soubesse, teríamos pedido que nos levasse consigo!"²⁴⁹.

²⁴⁸ FASSINI, 1996, p. 41.

²⁴⁹ FASSINI, 1996, p. 41.

ANEXO II

PERCURSO DA PROCISSÃO DA ROMARIA DE SALETTE



Vide site: <<http://www.google.com.br/earth>>

ANEXO III

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE SALETTE

ANEXO IV

LOJA DE LEMBRANÇAS DO SANTUÁRIO



Foto: Adriana Weege

ANEXO V

DEVOTOS AJOELHADOS REZANDO NO FAC-SÍMILE

Foto: Adriana Weege

ANEXO VI

MISSA CAMPAL



Foto: Adriana Weege



Foto: Adriana Weege